

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISIANE PRUINELLI

MÍDIA E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS:
a produção de sujeitos doadores

**Porto Alegre
2008**

LISIANE PRUINELLI

MÍDIA E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS:
a produção de sujeitos doadores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Linha de pesquisa

Educação e Saúde em Enfermagem

Orientadora

Profª Drª Maria Henriqueta Luce Kruse

Porto Alegre
2008

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

P971m Pruinelli, Lisiane
 Mídia e Doação de Órgãos: a produção de sujeitos doadores /
 Lisiane Pruinelli; Orient. Prof^a Dr^a. Maria Henriqueta Luce Kruse.
 - Porto Alegre: UFRGS, 2009. - 78p.

 Dissertação (Mestrado) – UFRGS. Escola de Enfermagem.
 Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

 1. Transplante de órgãos 2. Mídia 3. Biopoder I. Kruse, Maria
 Henriqueta Luce II. Título

CDD: 362.19795
NLM: WO 660

Bibliotecária responsável:
Shirlei Galarça Salort – CRB10/28-08

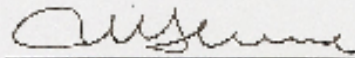
LISIANE PRUINELLI

Mídia e Doação de Órgãos: a produção de sujeitos doadores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em Porto Alegre, 11 de dezembro de 2008.

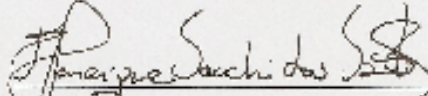
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Henriqueta Luos Kruse

Presidente – Orientadora

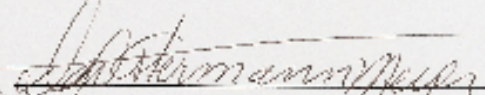
PPGENF/UFRGS



Prof. Dr. Luis Henrique Sacchi dos Santos

Membro

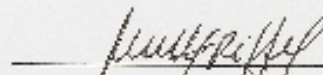
FACED/UFRGS



Profa. Dra. Dagnmar Elisabeth Estermann Meyer

Membro

PPGENF/UFRGS



Profa. Dra. Marlene Jaeger Riffel

Membro

FENFA,FRGS

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Henriqueta Luce Kruse, que me apresentou a obra de Michael Foucault, minha gratidão por tudo que tem me ensinado como mestre, enfermeira, amiga e minha admiração pela pessoa maravilhosa que ela é.

Aos meus colegas do *Grupo CULT* pelo apoio e pela ajuda no estudo do referencial, em especial às minhas colegas de mestrado Karen e Fernanda, e à Flávia, pelas contribuições no decorrer do trabalho.

Às minhas e meus colegas da Unidade de Internação 9º Norte do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, à chefia da Unidade, às enfermeiras que me possibilitaram fazer trocas de plantões para que eu não faltasse às aulas.

Às minhas colegas de trabalho da noite 2 que participaram ativamente do desenvolver desse estudo ao longo dos quase 2 anos, compreenderam meus momentos de estudo e cansaço, minhas ausências, em especial à Josiane que muito me ajudou na adequação do trabalho às normas da ABNT.

Aos meus colegas do grupo de Retirada de Múltiplos Órgãos, Paulo, Fabiane e em especial à Jaqueline, amiga e confidente, pela colaboração na disposição dos sobreavisos e eventuais contratemplos.

Aos meus pais, irmãos e minha afilhada que sempre entenderam meu distanciamento de casa para trabalhar, estudar e alcançar meus ideais de vida e que, tenho certeza que me apóiam nessa etapa que venço, bem como nas próximas que estão por vir.

Ao Aljamir e à Bernadete que estiveram próximos e ao meu lado nesta luta. Ao seu filho Beto, sua namorada Cláudia, a aos *Cow Bees*, artistas de mão cheia, que contribuíram nessa maravilhosa arte que encapa meu trabalho.

Ao Márcio, pelo seu amor, por querer sempre estar ao meu lado, me tirar dessa loucura de trabalho e estudo, me fazer viajar, passear, curtir nosso time, conhecer outros rumos, me fazer sonhar...

O desejo diz: "Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz". E a instituição responde: "Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém".

Michel Foucault

RESUMO

Esta dissertação discute os discursos produzidos pela mídia que se ocupam da possibilidade de que pessoas doem seus órgãos ou os de seus familiares. Tem como objetivo estudar os discursos veiculados pela mídia, como eles se dirigem aos sujeitos e analisar o modo pelo qual eles atravessam e os instituem como doadores. O corpus de análise é o jornal Folha de São Paulo, considerado o mais influente do país. Entendo que as matérias do jornal são artefatos da cultura que produzem verdades e governam sujeitos. O estudo se filia aos Estudos Culturais em sua vertente pós-estruturalista, utilizando nas análises as seguintes ferramentas propostas por Michael Foucault: discurso, governo e biopoder. As matérias do jornal põem em funcionamento discursos que foram analisados e reunidos em três grupos: pautando o jornal, sustentando o discurso e interpelando sujeitos para que sejam doadores de órgãos. Os discursos são vistos como estratégia biopolítica que utiliza um emaranhado de táticas para conduzir a população, girando em torno das possibilidades da doação de órgãos.

Descritores: Meios de comunicação. Transplantes de órgãos. Poder. Vida.

ABSTRACT

MEDIA AND ORGANS DONATION: THE PRODUCTION OF THE ORGANS DONORS SUBJECTS

This paper discusses the speeches produced by media that takes up possibility of people to donate their organs or their family members' organs. The goal of this paper is to study the speeches linked by media, how they point to subjects, and to analyse the way they go through and how they are considered as donors. The corpus analysis is the newspaper Folha de São Paulo, considered the most influential of the country. I think that newspaper subjects are culture devices which produce truth and rule subjects. The study joins to the Culture Studies and its post-structuralist source, using in the analysis the following tools proposed by Michael Foucault: speech, government and biopower. The newspaper subjects work with speeches which were analyzed and gathered into three groups: newspaper guidelines, supporting the speech and interpellating subjects so that they are organs donors. The speeches are seen as biopolitical strategy that uses a tangle of tactics to lead the population, revolving around the possibilities of organs donation.

Descriptors: Media. Organ transplants. Power. Life.

RESUMEN

MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y DONACIÓN DE ÓRGANOS: LA PRODUCCIÓN DE SUJETOS DONANTES

Esta disertación discute los discursos producidos por los medios de comunicación que se ocupan de la posibilidad de que personas donen sus órganos o los de sus familiares. Tiene como objetivo estudiar los discursos propagados por los medios de comunicación, como ellos se dirigen a los sujetos y analizar el modo por el cual atraviesan y los instituyen como donadores. El objeto de análisis es el periódico “Folha de São Paulo”, considerado el más influyente del país. Entiendo que las materias de los periódicos son artefactos de cultura que producen verdades y gobiernan sujetos. El estudio se une a los estudios culturales en su vertiente pós-estructuralista, utilizando en los análisis las siguientes herramientas propuestas por Michel Foucault: discurso, gobierno y biopoder. Las materias del periódico ponen en funcionamiento discursos que fueron analizados y reunidos en tres grupos: pautando el periódico, sustentando el discurso e interpelando sujetos para que sean donadores de órganos. Los discursos son vistos como estrategia biopolítica que utiliza un enmarañado de tácticas para conducir a la población, girando em torno de las posibilidades de la donación de órganos.

Descriptores: Medios de comunicación. Trasplantes de órganos. Poder. Vida

LISTA DE SIGLAS

ABTO – Associação Brasileira de Transplante de Órgãos

AD – Análise de Discurso

CFM - Conselho Federal de Medicina

CNCDO - Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos

IML – Instituto Médico Legal

IVC – Instituto Verificador de Circulação

OPO – Organização de Procura de Órgãos

Pro-AIM - Programa de Aprimoramento das Informações da Mortalidade

RMO – Retirada de Múltiplos Órgãos

SNT – Sistema Nacional de Transplantes

SUS – Sistema Único de Saúde

AS ETAPAS

1	QUANDO O TELEFONE TOCA.....	13
2	O QUE EU LEVO NESSA MALA.....	17
3	O QUE ME ATRAVESSA NESSA TRAJETÓRIA.....	23
4	OS ÓRGÃOS CAPTADOS.....	29
4.1	Pautando o jornal –os discursos.....	31
4.2	Sustentando o discurso – a biopolítica.....	43
4.3	Governando sujeitos – a subjetivação.....	49
5	ENTREGANDO O CORPO – A MAQUINARIA MIDIÁTICA.....	63
	OS PROTOCOLOS NECESSÁRIOS.....	66
	APÊNDICE – <i>Corpus</i> de análise.....	70
	ANEXO – Quadro de reportagens analisadas	76

1 QUANDO O TELEFONE TOCA¹

“Doador e Receptor. Unidos por um ato de amor”. Esta frase *abre* o sítio da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO)² e representa o modo como pessoas têm sido interpeladas para doar órgãos e tecidos. Com o advento das novas tecnologias, os transplantes vêm se difundindo, de modo que possam ser bem sucedidos no mundo e no Brasil. Tais modos de convencimento são geralmente associados a depoimentos de artistas que incitam a doar, poesias de autoria de possíveis doadores, relatos de pessoas que receberam órgãos e agradecem àqueles que os disponibilizaram, compondo uma rede discursiva da qual é difícil escapar.

Dessa maneira, a mídia influencia a vida das pessoas, vende idéias, dita modos de ser, reforça identidades, escolhe e aponta caminhos, veiculando discursos que nos atravessam e que vão nos constituindo como sujeitos (FISCHER, 2002). Examinar tais discursos que constituem usuários de serviços de saúde contribui para o fazer da enfermagem, para o ensino e a pesquisa em saúde, em especial para aqueles que trabalham e produzem novos saberes relacionados aos transplantes de órgãos.

Esse outro modo de ver me fez pensar de um jeito diferente a respeito de informações que incorporei ao longo de meu aprendizado, que foram me constituindo como enfermeira, em especial nas minhas atividades como coordenadora de cirurgia de Retirada de Múltiplos Órgãos (RMO). O discurso sobre transplante de órgãos atravessa-me desde a formação acadêmica³. Tenho vivenciado e observado as circunstâncias em que se dá o processo de transplante de órgãos e tecidos, uma vez que a possibilidade de transplantar órgãos está relacionada à decisão de doar, das próprias pessoas ou de suas famílias, bem como das pessoas que esperam por esses órgãos. Ao trabalhar com a captação dos órgãos a serem transplantados, pergunto: O que leva esses sujeitos a doarem ou não seus órgãos? Serão crenças religiosas?

¹ Os títulos das sessões deste projeto se referem às etapas da atividade da enfermeira coordenadora de cirurgia de Retirada de Múltiplos Órgãos (RMO) . Utilizo-os, pois entendo que eles me instigam a questionar o papel da enfermeira nesse processo. Quando o telefone toca é quando sou chamada, é o início dos preparativos para a cirurgia de RMO.

² Disponível em: <<http://www.abto.org.br>> .

³ Como acadêmica, presenciei um acontecimento inovador na história dos transplantes: o primeiro transplante de coração elétrico do Brasil.

Preocupação em fazer bem ao próximo? Ajuda no processo de luto? Preocupação com a manipulação do corpo? Desconhecimento quanto à morte encefálica? Por outro lado, percebo um crescente interesse das instituições hospitalares nesse procedimento, uma vez que transplantar órgãos se tornou financeiramente interessante, emprestando *status* aos envolvidos, além de exigir uma tecnologia complexa.

Tais questionamentos levam-me a propor este estudo, no qual pretendo discutir os discursos e as representações culturais presentes nas matérias de jornal que se ocupam da possibilidade de as pessoas doarem seus órgãos ou os de seus familiares. Desse modo, busco estudar que discursos são produzidos ou veiculados pela mídia sobre a doação de órgãos? Que posição de sujeito eles produzem? Como eles se dirigem aos sujeitos? Para analisar o modo pelo qual discursos veiculados pela mídia atravessam sujeitos e os instituem, ou não, como doadores de órgãos? Entendo que somos constituídos pela história e pela cultura a partir das experiências que vivenciamos. Assim, nossos conhecimentos estruturam-se no convívio com outros sujeitos, no manuseio de livros e na mídia, seja ela qual for.

Ao falar sobre esse tema, não poderia deixar de me apropriar do conhecimento apreendido enquanto enfermeira participante do processo de doação de órgãos e tecidos, em especial com o doador cadáver e suas famílias. Fazendo parte de um grupo de enfermeiros coordenadores de cirurgia de RMO, vivencio em minhas atividades de coordenadora, na troca de saberes com outros profissionais envolvidos e por estar inserida em um meio onde circulam discursos e saberes sobre a doação de órgãos e transplantes, as circunstâncias em que ocorre a doação de órgãos, as condições de um processo de transplante e os discursos que circulam no contexto social dos transplantes de órgãos, que o legitimam como um *presente da vida*. Para que tal presente fosse possível, houve necessidade inclusive de reconceitualizar a morte como uma forma de obter órgãos vitais, adequados para a realização desses transplantes (VARGAS; RAMOS, 2006).

Dessa maneira, pretendo examinar como determinados saberes sobre a doação de órgãos se tornaram verdades no decorrer da história – inseridos em um campo largamente contestado, de lutas e de relações de poder que possibilitaram sua construção. Quero mostrar também de que forma a mídia enfatiza e faz circular

discursos e saberes a respeito de transplantes e doações, uma vez que estas tendem a aumentar consideravelmente quando a mídia trata do assunto.

Para olhar as matérias do jornal utilizo as ferramentas⁴ propostas por Michael Foucault, entre elas discurso, governo e biopoder. Nas análises também utilizarei o conceito de estatuto pedagógico da mídia, proposto por Fischer (2001), que considera os meios de comunicação como construtores de significados, atuando decisivamente na formação de sujeitos sociais, assumindo uma função nitidamente pedagógica. “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 2006a, p. 36). Ao analisar essas práticas de governo⁵, proponho mostrar como se regula a conduta dos indivíduos em uma direção conveniente, articulando o individual ao social – o corpo individual à população (FOUCAULT, 2007a). Compartilho o pensamento de que a sociedade disciplinar não é substituída pela sociedade de governo, e que ela nunca foi tão importante e valorizada quanto a partir do momento em que se procura gerir a população, minuciosamente, no detalhe (FOUCAULT, 2007a). “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2006b, p. 152).

Para mostrar como percorri esse caminho, apresentarei, no decorrer dos capítulos, o trabalho que realizo, demonstrando de que modo o tema de pesquisa me atravessa. Os títulos das sessões deste projeto referem-se às etapas da atividade da enfermeira coordenadora de cirurgia de Retirada de Múltiplos Órgãos (RMO). Utilizo-os por entender que eles me instigam a questionar o papel da enfermeira nesse processo.

A fim de situar os leitores no assunto, o capítulo ***O que levo nessa mala*** mostra os saberes que circulam sobre doação de órgãos. Lembro que o tema é razoavelmente novo nos meios de comunicação e, muitas vezes, utilizarei as minhas vivências e as informações veiculadas pela mídia, já que a considero a principal

⁴ Utilizo o termo ferramenta como definido por Foucault (2007a) “tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se lhes não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate”(p.71).

⁵ Utilizo o termo conforme proposto por Veiga-Neto (2002, p. 21), que o define como ação ou ato de governar. “Práticas de governo [que] não são assumidas ou executadas por um *staff* que ocupa uma posição central no Estado, mas são ações distribuídas, microscopicamente, pelo tecido social”.

disseminadora desse tema, sendo o meio mais utilizado para formar opinião. No capítulo ***O que me atravessa nessa trajetória***, apresento os métodos e materiais que utilizo, apoiada nos estudos culturais em sua vertente pós-estruturalista e, em especial nas idéias de Michael Foucault, que me guiam na construção desse outro jeito de olhar as coisas. Por fim, em ***Os órgãos captados***, apresento resultados e análises de minhas investigações, estudos e novos questionamentos que vão se renovando no decorrer da pesquisa.

2 O QUE EU LEVO NESSA MALA⁶

A possibilidade de transplantar órgãos e tecidos tem sido uma preocupação dos humanos ao longo da história. Desde 280 d.C. há relatos de que dois médicos, Cosme e Damião fizeram o transplante de uma perna, substituindo a perna putrificada, pelo câncer, de um paciente branco, por uma outra, de um cadáver negro. Esse fato foi considerado milagre e levou os dois médicos a condição de santos da Igreja Católica e patronos das Faculdades de Medicina. Tal acontecimento é lembrado recorrentemente ao se falar em transplante de órgãos (ABTO, 2007).

As cirurgias para transplantes de órgãos tornaram-se possíveis quando, no século XX, Aléxis Carrel desenvolveu uma técnica cirúrgica para unir vasos sanguíneos, restabelecendo a circulação. Tal técnica foi fundamental nos procedimentos de transplantes de órgãos. Somou-se a isso algumas experiências em animais e as primeiras tentativas em humanos sem sucesso, o que reflete a percepção médica do início do século XIX de que a medicina moderna teve um grande avanço nesta época, já que permanecera durante séculos abaixo do limiar do visível e do enunciável (FOUCAULT, 2006c). Com o advento de novas descobertas relacionadas à imunossupressão, hemodiálise, anestesia, imunologia, tratamento e manutenção de enxertos⁷, os pacientes puderam ser mais bem manejados e os transplantes tornaram-se efetivos em humanos a partir da década de 1950. Segundo Couto (2007), “a idéia de repor partes disfuncionais ou avariadas existe desde a antiguidade, embora o transplante mesmo, considerado bem-sucedido, tenha começado tão-somente há meio século”.

Nos anos 80, autores que escreviam sobre transplantes de órgãos de doadores cadáveres já apontavam o sensacionalismo do noticiário jornalístico, inclusive recomendando que se deveria tomar cuidados a esse respeito (PEREIRA, MARREY NETO, RAHAL, 1987). Por outro lado, Callioli (1988), ao realizar uma breve análise dos

⁶ Referência ao momento em que organizo todo o material necessário para levar em uma cirurgia de RMO, materiais cirúrgicos, gelo, frascueiras, embalagens, informações sobre o doador cadáver e quais órgãos a serem retirados, sobre o local da cirurgia e quem me acompanhará na viagem. Os materiais que levo são organizados em uma mala de viagem.

⁷ Chama-se enxerto qualquer parte do corpo que é implantada em outro local ou outro corpo.

transplantes de órgãos de mortos para vivos, apontou a questão crucial da determinação da morte e da legislação brasileira, destacando a importância de uma campanha maciça de conscientização popular. Em 1997, foi promulgada a Lei n. 9.434, que dispôs sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano, para fins de transplante. Por meio dela, disciplinou-se que os brasileiros eram doadores, a não ser que se manifestassem contrariamente, alterando a Carteira de Identidade Civil ou a Carteira Nacional de Habilitação, fazendo constar a expressão *não-doador*. Posteriormente, em 1998, a Medida Provisória n. 1.718 estabeleceu que “na ausência de manifestação de vontade do potencial doador, o pai, a mãe, o filho ou o conjugue poderá manifestar-se contrariamente à doação, o que será obrigatoriamente acatado pelas equipes de transplante e remoção” (VITA; BOEMER; BOEMER, 2002). Essa medida foi várias vezes revisada, até converter-se na Lei n. 10.211, de 23 de março de 2001. Assim, a doação de órgãos depende da autorização do cônjuge ou parente, maior de idade, obedecida a linha sucessória, reta ou colateral, até o segundo grau, firmada em documento subscrito por duas testemunhas presentes à verificação da morte.

Entendo tal lei como um novo ordenamento legal que sustenta a doação de órgãos, pois evidencia o quanto a legislação constitui verdades na sociedade, produzindo saberes que são aplicados, valorizados, repartidos e de certo modo atribuídos, tornando as pessoas doadoras de órgãos alheios. Esses discursos jurídicos estabelecem verdades, através de um conjunto de regras segundo as quais se distingue o falso do verdadeiro e se atribui a estes, efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 2007a). Tais efeitos de poder disciplinam e se definem por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um *corpus* de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de redefinições, uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode se servir dele (FOUCAULT, 2006a). Esse outro discurso, a nova lei, transforma o sujeito, antes capaz de decidir sobre seu corpo em um ser dependente de sua família, que a partir de então tem o poder de decidir se seus órgãos serão ou não doados. Entendo que essa mudança institui novos saberes sobre a doação de órgãos, alterando os modos de endereçamento dos poderosos discursos da mídia.

Ao falar em doação, torna-se necessário explicar o que aqui é entendido pelo termo *doar*. Para este estudo, adoto o termo “doar” como definido na Legislação Nacional de Transplantes, onde doar é a atitude que a família toma frente à morte de um ente querido, dispondo seus órgãos ao Sistema Nacional de Transplantes (SNT), que estabelece que não haverá nenhum benefício financeiro para quem doa e quem recebe, não havendo pagamento por parte desta família já que o procedimento é financiado pelo SUS. A lei estabelece também, que tais órgãos devem ser implantados em um receptor desconhecido para quem doa, apenas sendo permitido divulgar sexo e idade de doador e receptor. No Código Civil Brasileiro, em seu artigo 538^o, doar significa transferir do seu patrimônio bens ou vantagens para outra pessoa. Em troca, o Estado dá incentivos fiscais, como, por exemplo, dedução de impostos. Nesta perspectiva, as famílias dos pacientes em morte encefálica assumem uma posição paradoxal, já que não recebem nada em troca ao doar vida/órgãos a quem espera por um transplante, ao mesmo tempo em que não têm o direito de escolher o destino desses órgãos. Por outro lado, estas pessoas doam órgãos que não são seus, mas de seu familiar, alterando mais uma vez, o sentido de doar. Assim, doadores e receptores assumem posições diferentes: os primeiros doam sem saber a quem, e os outros dependem da morte e da solidariedade de alguém para viver. Com isso, a legislação dos transplantes não prevê compensações, prevalecendo o discurso da solidariedade entre as pessoas para que o processo de doação e transplantes ocorram.

A partir da regulamentação legal, a doação de órgãos para transplantes tornou-se prática corriqueira em nosso meio, de tal modo que o Brasil é o segundo centro transplantador de órgãos humanos do mundo (ABTO, 2007). Outro aspecto que é importante destacar é que os transplantes de órgãos são gerenciados e financiados integralmente pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Desse modo, hoje é possível transplantar órgãos e tecidos dos mais diversos tipos: coração, válvulas cardíacas, pulmão, fígado, rins, pâncreas, intestino, pele, ossos, cartilagem, tendões, veias e córneas. Para que esse procedimento se viabilize é necessário um doador, que pode ser vivo ou morto. O doador cadáver é aquele que está em morte encefálica⁸,

⁸ No Brasil, o diagnóstico de morte encefálica é definido pela Resolução CFM n. 1480/97, de 8 de agosto de 1997.

comprovada através de exames, por profissionais especializados, sendo preservadas suas funções orgânicas a fim de que os órgãos sejam viáveis para transplante.

A tecnologia aplicada ao conhecimento que se tinha na medicina possibilitou novos investimentos sobre o corpo humano, em sua beleza e saúde, na substituição de partes imperfeitas ou com defeitos por outras saudáveis. Essas novas tecnologias se tornam possíveis no momento em que, o corpo passa a ser visto como uma máquina e, portanto, como um objeto entre outros, possível de ser reparado, como se faz com um instrumento que apresenta uma pane. Desse modo, o olhar do médico sobre o paciente é filtrado por uma série de aparelhos, monitores, gráficos, relações, das quais dependem suas interpretações por especialistas que, muitas vezes, não lançam sequer um olhar sobre o corpo do paciente, reduzindo-o a um corpo-objeto (MARZANO-PARISOLI, 2004). Assim, a vida vai sendo cotidianamente inscrita e expressa *no e pelo* corpo, constituindo um modo de ser e parecer no mundo. A doação de órgãos pressupõe uma intervenção sobre o corpo, uma redefinição dele próprio, e pode ser um dispositivo⁹ médico que o fragmenta, aproximando-o de um mero mosaico de órgãos-peça que podem ser indistintamente trocadas, intercambiadas, recicladas e negociadas (BENDASSOLI, 2000). Por outro lado, ao serem retirados, os órgãos adquirem uma identidade, mesmo que passageira, quando são chamados de *o fígado, o coração, o pulmão*. Portanto,

[...] o corpo, à luz da doação de órgãos, fragmenta-se no espaço, deixa de ser regido por símbolos investidos de significado, deixa de ser um lugar [...] quando não serve para mais nada senão para fornecer tecidos, órgãos, sangue, esperma, óvulos, glândulas, pele etc. (BENDASSOLI, 2000, p. 10).

No campo de saber em que ocorrem os transplantes, fazem-se necessárias a discussão e a legitimação da definição de morte cerebral, já que o conceito de morte foi sendo pensado de diferentes formas no decorrer da história da humanidade. Elias (2001) diz que a vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos, menos

⁹ Segundo Foucault (2007a), a utilização do termo dispositivo demarca um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. [...] é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (p. 244).

controláveis; a morte, muitas vezes, mais dolorosa. Porém a participação dos outros na morte de um indivíduo era mais comum – a morte era mais pública. Hoje, evita-se falar sobre o assunto, e a morte tornou-se um processo individual e afastado da vida social, ligada à instituição e ao saber médico. Possui uma concepção medicalizada, em que “não aparece mais como um evento simples, mas como um fenômeno complexo, passível de ser decomposto analiticamente em morte clínica, cerebral e biológica” (MENEZES, 2006, p. 113).

Segundo Vargas e Ramos (2006), os termos *morte cerebral* ou *morte encefálica* se constituem na década de 1960, justificando a retirada de órgãos de pacientes que se encontram em morte encefálica, mas que permanecem com seus órgãos vivos. A criação desse conceito viabiliza a doação de órgãos e serve como instrumento legal que justifica cientificamente o desligamento dos ventiladores mecânicos. O diagnóstico de *morte cerebral* ou *morte encefálica* se dá quando há ausência de atividade cerebral no paciente comprovada através de exames clínicos e radiológicos realizados por mais de um médico em intervalos estabelecidos em lei. Em 1969 surgiu a definição de morte cerebral, ideal para possibilitar o transplante. Passou a possuir outro significado, o de vida. Neste contexto de morte e vida em que ocorre um transplante, é preciso que alguém tenha morrido – e geralmente é uma morte súbita, assassinato ou acidente, já que determinadas doenças podem inviabilizar a utilização desses órgãos. Penso, como Tucherman (2007), que nesses casos é com a morte que a vida se torna possível; morte muitas vezes injusta e violenta:

[...] a morte de diferentes partes do corpo, de que falava Bichat, torna-se, com a tecnologia médica moderna, uma morte sucessiva do mesmo indivíduo, deixando suas famílias aniquiladas. O cérebro ou o coração são destruídos, mas o indivíduo continua a dar aparências de vida. Ele está morto e enterrado há anos, mas seus rins, seu coração, seus pulmões, seu pâncreas, etc, funcionam no peito de vários indivíduos, cujos órgãos doentes foram substituídos pelos desse homem transformado num fantasma de rosto diferente no imaginário de cada um deles. (BRETON, 1995, p. 62).

Nas últimas décadas, estudos multidisciplinares têm investido seus conhecimentos, em especial, na engenharia de materiais, de tecidos e nas ciências

biomédicas. Novas matérias-primas, as células-tronco¹⁰, estão sendo descobertas e estudadas como meios para a cura de várias doenças, com o objetivo de criar implantes que tenham o material genético do organismo do receptor, transformando-se em qualquer outra célula, regenerando o órgão lesado ou criando um novo, conforme apontado por Couto (2007, p. 48):

[...] embora a técnica de transplante de órgãos tenha contribuído para salvar a vida de muita gente, a técnica não é perfeita, e médicos e pacientes tiveram que lidar com o pequeno número de doadores e, principalmente, com a rejeição. Agora, com tecidos e órgãos do próprio paciente, a medicina vai dispor de várias possibilidades para recompor uma parte perdida ou defeituosa, sem problemas com doações e, o mais importante, sem risco de rejeição.

Recentemente, dois grupos de cientistas conseguiram transformar células da pele humana em células-tronco, abrindo um caminho potencialmente ilimitado para a substituição de tecidos ou órgãos defeituosos. Estas descobertas, feitas por uma equipe japonesa e uma americana, podem mudar completamente o campo das pesquisas, já que as células-tronco podem evoluir para células de 220 tipos diferentes no corpo humano (PRESSE, 2007).

¹⁰ Presente na medula e em menor escala, na corrente sangüínea, as células-tronco têm capacidade de transformar-se em qualquer tecido (COUTO, 2007).

3 O QUE ME ATRAVESSA NESSA TRAJETÓRIA

Esta pesquisa filia-se aos Estudos Culturais que procuram compreender a complexidade dos eventos e dos processos nos quais as *identidades* são formadas e transformadas. Neles, aborda-se a cultura como um complexo de expectativas, costumes e valores sociais que afetam nossos métodos de trabalho. Designam “todo um modo de vida” de um grupo social, a partir de sua rede de práticas e representações, como textos, conversas, códigos de comportamento e estruturas narrativas que os organizam. Os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado, onde os artefatos produzidos pela mídia “são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias estabelecidas” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38). Frow e Morris (2006) dizem que esses Estudos não são simplesmente sobre a cultura, mas um olhar sobre as diversas práticas sociais, vistas como cultura. Procuram ver todo um conjunto de conhecimentos produzidos ao longo do tempo, inseridos em um momento distinto, não os generalizando como prática única e definidora, mas indagando como os grupos passam a se reconhecer como tais.

Neste estudo, entendendo os doadores de órgãos como um grupo, não tenho a pretensão de discutir prós e contras da doação de órgãos e, sim, examinar posições de sujeito que estão em jogo em relação a essas pessoas, partindo do detalhe para, então, trabalhar no sentido de apontar as relações e os domínios sociais que se entrecruzam e que os permeiam. Um dos espaços da cultura em que mais se vê o processo de construção social de identidades, as chamadas comunidades de consumo, talvez seja a mídia (FISCHER, 2002). Segundo Frow e Morris (2006), o sucesso dos Estudos Culturais acontece na conexão e na sobreposição entre o popular e a mídia. Esta possui discursos dotados de autoridade, vende idéias, dita modos de ser, reforça identidades, escolhe e aponta caminhos. De tal modo, influencia a vida das pessoas, não apenas agindo sobre os conflitos de poder existentes, mas ajudando a produzi-los e, às vezes, a mudá-los.

Os Estudos Culturais preocupam-se em acumular um saber, considerando-o temporário, parcial e não-conclusivo. Remetem-nos ao desafio de ingressar em um campo pouco conhecido e enfrentar as dificuldades encontradas ao longo do caminho. Ou, como aponta Peters (2000), decifrar e embrenhar-se nas entrelinhas dos ditos e escritos, sem ter a pretensão de descobrir verdades ou mentiras. Para tanto, pretendo tomar posicionamento sério e compromissado de realizar uma pesquisa com rigor, formulando perguntas que levarão ao leitor o sabor do questionamento, pensando que cada leitor de nosso trabalho possa se identificar em algum momento com nossos questionamentos.

O *corpus* de análise é a Folha de São Paulo, jornal de maior tiragem e circulação do Brasil, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Fundada em 1921, consolidou-se na década de 80, quando empunhou a bandeira das eleições diretas para presidente. Desde então, assume a posição de “jornal mais influente do país”, conforme suas próprias palavras (FOLHA DE SÃO PAULO, 2008). Atualmente tem uma tiragem e circulação de 370.185 exemplares aos domingos e 299.249 nos dias úteis. É o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa, disponibilizando na internet matérias de arquivo aos seus leitores desde o ano de 1997¹¹. É considerado um jornal de grande impacto entre leitores e também para outros jornais, que o utilizam como fonte de notícias. Esse prestígio transparece no *slogan* utilizado em suas propagandas: “Folha, não dá para não ler”.

Entendo que as matérias dos jornais produzem verdades e as compartilham com outras instâncias. Desse modo, elas não governam sozinhas, já que se valem de discursos e representações que circulam na cultura. Concordo com Foucault (2007a, p. 12), quando diz que

[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros [...] o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

¹¹ O endereço para acessar o sítio do referido jornal é <<http://www.folha.uol.com.br>>.

Por outro lado, considero o jornal um artefato da cultura que governaria sujeitos, inscrevendo-os em determinadas categorias, neste caso, como doadores ou não-doadores. Pretendi fazer uma leitura interessada dos textos do jornal a partir do ano de 1997, quando passou a ser disponibilizado na internet e, concomitantemente, ocorreram grandes mudanças na doação de órgãos no Brasil. Para localizar as matérias, utilizei os descritores *transplante de órgãos* e *doação de órgãos*, que permitiram selecionar 513 reportagens, no período de 1997 até outubro de 2008. Após a leitura dos textos, selecionei 64 que iam ao encontro de minha proposta de estudo, ou seja, fazer emergir os discursos e as representações culturais que constituem os sujeitos doadores de órgãos.

A metodologia adotada foi a análise textual a partir da leitura interessada. Para apoiar o conceito de discurso, enquanto ferramenta de análise, apresento as idéias de Foucault, segundo as quais em toda a sociedade a produção de discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída, e nem todo mundo tem o direito de dizer tudo, falar em qualquer circunstância e sobre qualquer coisa. O autor afirma que ninguém está autorizado a fazê-lo se não satisfizer a certas exigências, determinando as condições de seu funcionamento (FOUCAULT, 2006a). Assim como esse pesquisador, penso que sujeitos são constituídos em sociedades de discurso, que têm por função conservar, produzir, fazer circular tais discursos em um espaço e distribuí-los segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição.

Proponho olhar para os discursos do jornal como monumentos para a construção de sujeitos doadores de órgãos, já que servem para lembrar e pensar, são como um ponto de partida ao pensamento e à ação, para ser um lembrete e uma advertência (KRUSE, 2004). Busco, também, averiguar os modos pelos quais o jornal produz verdades sobre o corpo, tentando desnaturalizar discursos que pretendem ensinar um jeito *certo* de lidar com ele e doar seus órgãos.

Para analisar o material coletado, agrego as ferramentas propostas por Foucault – governo e biopoder –, por entender que esses conceitos se entrecruzam nas reportagens que proponho abordar. Penso que os discursos que

circulam no jornal disciplinam e governam sujeitos em um meio onde a vida do individual e da população é repetidamente rediscutida e repensada. Foucault, ao abordar a disciplina ou poder disciplinar, indica que é uma técnica, um mecanismo, um instrumento de poder, são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (2007a, p. XVII). O poder disciplinar não destrói o indivíduo, mas fabrica-o, adentra-o, peça útil do controle e da regulamentação da população. Para tanto, o autor (FOUCAULT, 2007b) refere o uso de três instrumentos simples. O *olhar hierárquico*, no qual o aparelho disciplinar capacitaria um único olhar para tudo ver permanentemente, em que nada escapa, compondo um centro em direção ao qual todos os olhares convergem. A *sanção normalizadora* que diferencia os indivíduos entre si e em função da regra de conjunto, que deve medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor suas capacidades. Combinando os dois instrumentos anteriores, aparece o *exame*, que realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação.

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia. (Ibid., p. 177).

Segundo Foucault (2007b), a disciplina emerge na arte do corpo humano, que o torna tanto mais obediente quanto mais útil, entrando “numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’” (p. 119). A partir daí, tem-se um domínio sobre o corpo, fabricando corpos *dóceis*, dissociando o poder do corpo, fazendo dele um elo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Parto da suposição de que os discursos das matérias do jornal governam sujeitos, assumindo aquilo que Foucault (2007a) disse ser uma correta disposição das coisas para conduzi-las a um fim conveniente, não se referindo somente às estruturas políticas e de Estado, mas às formas de agir que determinam como os indivíduos conduzem a si mesmos.

Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos Estados; mas designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de sujeição política ou econômica; mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 244).

Esta nova forma de governar faz uso de uma outra lógica, na qual cada um é, simultaneamente, alvo das múltiplas interpelações e especialista, supostamente sabedor do que lhe convém. Os textos do jornal deixam emergir os discursos que, como refere Veiga-Neto (2000), combinam sujeição e perícia, o que dá a ilusão de que cada um é capaz de dirigir ativa e racionalmente suas escolhas, ou seja, a ilusão de que as escolhas pessoais são pessoais de fato.

É no interior das tecnologias de governo que se insere o problema da vida e da população – esta concebida como um conjunto de elementos que se vinculam ao regime geral dos seres vivos e à espécie humana, que pode ser objeto de intervenção das leis, das mudanças de atitude, de maneiras de fazer e de viver. A partir do século XVIII, surge o que Foucault denomina “biopolítica”, que “tende a tratar a ‘população’ como um conjunto de seres vivos e coexistentes, que apresentam traços biológicos e patológicos particulares, e que, por conseguinte, dizem respeito a técnicas e saberes específicos” (1997, p. 86).

Na teoria clássica da soberania, o direito de vida e de morte é um dos atributos fundamentais do soberano, isto é, é ele que pode *fazer morrer* ou *deixar viver*. A vida e a morte dos súditos só se tornam direitos pelo efeito da vontade soberana, onde o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte. O poder do soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que ele pode matar. No século XIX, ocorreram grandes transformações no conceito de soberania, surgindo uma nova forma de exercer o poder, que não apaga o primeiro, mas penetra-o, perpassa-o, modifica-o e que se constitui no seu inverso: o poder de *fazer viver* e *deixar morrer*. Essas novas tecnologias de poder expandem-se, direcionam-se à vida dos seres humanos, ao homem-espécie (FOUCAULT, 1999).

[...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 289).

É a partir deste conceito de biopolítica – de fazer viver e de deixar morrer, proposto por Foucault – que se aplica uma espécie de poder regulador que procura intervir no fazer viver, controlar os possíveis acidentes e aumentar o tempo de vida, deixando a morte de lado. Apoderando-nos dessas definições, podemos pensar como se insere e se constitui o discurso da doação de órgãos.

4 OS ÓRGÃOS CAPTADOS¹²

Muito se pensa, se faz e se refaz no momento de organizarmos o que temos em mente. Foi no decorrer dessa caminhada que montei, desmontei e organizei os resultados que obtive nesta pesquisa. A partir de agora começo a compartilhar o que li e vivi. Pretendo apresentar como analisei os discursos da doação de órgãos veiculados pela mídia, aqui representada pela Folha de São Paulo, para que conheçam um pouquinho desse mundo, que para muitos poderá ser atormentador e, para outros, confortante.

A trajetória trouxe-me surpresas, mostrando algumas vezes o que eu não esperava encontrar ou o que meus olhos não eram acostumados a enxergar. Tive, então, que tomar posições e assumir riscos contando o que construí. Na construção desta pesquisa selecionei caminhos, apontei destinos e voltei várias vezes para retomá-los de outro modo, pois aprendi que é nesse montar e remontar que se constrói um outro jeito de olhar as coisas. Revendo o que escolhi e retomando a leitura dos textos, percebi que toda vez que olhava para meus apontamentos, eu o fazia de modo diferente, com outros olhos, fazendo associações diversificadas, estabelecendo ligações e construindo uma rede de saber a partir das reportagens que me propus analisar. Começo a escrever agora, entre surpresas e desafios, minhas interpretações, pensamentos e análises.

A leitura e a escolha das reportagens que compõem o *corpus* deram-se no meio de aprendizados e práticas, mudança de conceitos estabelecidos e reformulações do que ia se revelando nas leituras. Isso serviu para reforçar aquilo que a pesquisa nesse campo propõe: desconstrução e reconceitualização de antigos conceitos, um olhar diferente sobre coisas que já se conhecia. Durante o período em que li e analisei as reportagens, não deixei de estar envolvida com as doações, já que continuei trabalhando como coordenadora de RMO. Esse fato determinou certas escolhas e observações, remetendo-me a alguns lugares e não a outros. Assumi uma posição de

¹² Órgãos captados são aqueles retirados dos corpos de cadáveres para serem transplantados. A Central Estadual de Transplante determina quais órgãos serão removidos e para qual receptor eles se encaminharão. Os receptores são organizados em uma fila única para cada tipo de órgão.

intelectual, como descrito por Foucault (2007a), no momento em que procurei fazer o poder aparecer onde ele é invisível e mais insidioso, como nos meios midiáticos, acreditando que a teoria é uma prática:

Uma teoria é uma caixa de ferramentas. [...] não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. [...] tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que forçosamente é um instrumento de combate. (Idem, p. 71).

Ao manusear as reportagens do jornal, busquei fazer emergir formas de poder que estabelecem verdades sobre a doação de órgãos e que constituem sujeitos doadores. Parti então para uma segunda leitura do meu *corpus*, agora mais criteriosa e fazendo apontamentos, associações, tentando excluir algumas e colocando-as em certas *categorias*, conforme o assunto, que passarei a chamar de grupos de análise. Acredito que *grupo* é uma palavra que faz uma analogia com o que faço – grupo de doadores, grupo de transplantadores, grupo de captadores, grupo de estudo, grupo de trabalho etc. A propósito, não uso o termo *categoria* por considerar que não vai ao encontro do que penso a respeito de fazer a pesquisa *de outro jeito*. Com isso, não quero dizer que tal uso seria inconveniente; simplesmente que não me satisfaz. Assim estabeleci trabalhar com 64 reportagens que apresento listadas em anexo, organizadas conforme data de publicação, título das reportagens e caderno do jornal em que foram veiculadas (ANEXO). Tal disposição permite olhar as reportagens conforme foram sendo veiculadas, dando visibilidade aos discursos do jornal. Para facilitar o entendimento dos meus leitores e leitoras coloquei os excertos das reportagens analisadas em itálico e em caixas de texto, pois entendo que esse cuidado adicional facilita a leitura diferenciando-os das referências utilizadas na construção dos conceitos. Tais excertos servem para exemplificar o modo como foram se construindo determinados discursos ao longo do tempo, mesmo que para tanto seja necessário repeti-los.

Os grupos de análise que desenvolvo nas próximas páginas representam verdades em relação à doação de órgãos. Entendo que tais matérias põem em funcionamento discursos que produzem saberes e que têm efeitos de poder,

considerados verdadeiros, pois a verdade em nossa sociedade é “produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos” (FOUCAULT, 2007a, p. 13), como os meios de comunicação, neste caso o jornal.

4.1 Pautando o jornal - os discursos

Entendo que o jornal utiliza recursos para manter as opiniões veiculadas, que põe em pauta o assunto doação e transplantes durante os anos estudados, algumas se mantendo com persistência outras sendo silenciadas. Assim, o jornal acompanha o processo de doação e transplante, algumas vezes mais insistentemente, outras menos, dependendo de eventos que se destacam como a tramitação de leis no Congresso Nacional, os fatos que dificultam os transplantes, o estímulo às doações, a vida ou morte pós-transplante, a lista de candidatos, os momentos de crise e os incentivos financeiros aos doadores.

A antiga Lei dos Transplantes gerou muitas reportagens durante sua tramitação e a posterior mudança, pois eram discutidos os prós e contras da lei, quando pessoas “famosas” e “experts” no assunto escreviam para o jornal. O grande número de pessoas que se declararam não doadoras com a antiga lei foi veiculado pelo jornal com os seguintes dizeres...

[...] não doador [...] (MARIA, 1997).
[...] especialistas discutem o tema, concordam que a lei foi avanço, mas divergem sobre a aplicação (MARTINS, 1998).
[...] a nova Lei dos Transplantes erra o alvo [...] solução simplista [...]
é considerada uma falha (MAIOR..., 1997).
[...] milhares de pacientes que padecem as penas impostas por
doenças [...] apoiaram a lei, apegando-se a ela como última
esperança. Não foram suficientemente informados de que se tratava
de um barco de falsas expectativas, que dificilmente aportará em
terra firme (ABBUD FILHO, 1997).

De acordo com as reportagens do jornal, embora tenha sido considerada um avanço, a lei não atingiu o objetivo desejado de aumentar o número de doadores. Esta parecia ser a última esperança dos pacientes e gerou falsas expectativas. O presidente do CFM (Conselho Federal de Medicina) fala que ao entrar em vigor a lei sobre a doação presumida, tanto os médicos como órgãos oficiais, continuariam a respeitar a vontade das famílias.

[...] nenhuma lei vai obrigar a retirada de órgãos sem autorização da família [...] A cultura médica secular mostra que o médico não faz nada sem o consentimento do paciente ou de familiares (FAMÍLIA..., 1998).

As mudanças na lei geraram declarações dos “experts”, como o Ministro da Saúde e o presidente da ABTO, que foram veiculadas pelo jornal...

Com essa mudança na autorização, os familiares é que determinarão se poderá ou não haver retirada de órgãos em caso de morte cerebral [...] (A lei) não teve as vantagens da automaticidade [...] o método provocou “efeito contrário” [...] A exigência da autorização na CNH é “desnecessária” e só serve “pra chatear”. [...] a medida anunciada por Serra é “histórica” [...] a família deve ser “soberana” na decisão sobre a doação (OLIVEIRA, 2000). [...] isso deveria ser um aviso para eles. Ninguém mais tem confiança na classe {médica} . Acham que vão ser mortos no hospital, e seus órgãos, vendidos (IGNORÂNCIA..., 1998).

Nesta e em outras reportagens se destaca uma linguagem de interpelação à emoção dos leitores e leitoras, apelando para seus sentimentos através de expressões como “histórica”, “soberana”, “mortos no hospital”, “órgãos vendidos”, que parecem tocar os leitores e despertar sentimentos frente aos acontecimentos que as matérias do jornal veiculam.

A legislação brasileira procura em determinados momentos dar voz aos mortos, foi assim com a Lei dos Transplantes, quando a pessoa, antes de morrer, deixava registrado se era doadora ou não. A lei, que não foi bem aceita, pois despertou medo na população, logo foi modificada e, em 2000, é publicada uma medida provisória que a

alterou, passando a decisão para os familiares e, criando o Registro de Doadores de Órgãos e Tecidos, que teria o objetivo de auxiliar no convencimento da família para a doação, como mostrado pelo jornal...

[...] aquela lei não trouxe a vantagem de tornar as doações automáticas e ainda poderia estar despertando o medo nas pessoas [...] passa para a família a palavra final em casos de doações [...] pessoas interessadas em se declarar doadoras poderão se registrar [...] servirá como um auxílio para convencer as famílias. Mostrando que a pessoa morta teria a intenção de doar seus órgãos, [...] no caso de morte violenta, os doadores terão prioridade no atendimento nos IMLs (Instituto Médico Legal) (FAMÍLIA DECIDIRÁ..., 2000).

Com a mudança da lei os familiares apresentam uma cronologia dos fatos que faz com que o leitor entre na história, primeiro vem a notícia, depois a decisão que o familiar tomou, a vontade do falecido. O objetivo final dessa mobilização é salvar vidas, dar melhor qualidade de vida a estas pessoas que passam a tomar menos remédios e até arrumam namoradas. Como no roteiro a seguir...

Sua mãe teve morte cerebral e gostaríamos de saber se vai haver doação de seus órgãos, [...] autorizei na hora, [...] tenho certeza de que ela aprovaria a doação [...] se está havendo comercialização, eu não sei. O fato é que vamos conseguir salvar várias vidas (NAZARETH, 1998).

[...] auxiliado por três medicamentos que ele vai tomar pelo resto da vida. “É muito melhor do que as agulhas da hemodiálise. Tomo três remédios para não ter o rim rejeitado e um para controlar a pressão. [...] ele até arrumou namorada” (RIM..., 1998).

A lei é assunto recorrente nas matérias do jornal até os dias de hoje, quando se discute mudança nos seus critérios. Foucault (2006a) diz que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p.10). Novas pesquisas têm sido apresentadas pela Folha mostrando que o tema está em constante renovação, está atualizado, colocando em xeque o sistema de transplantes, que deveria ter uma captação ativa e eficiente de órgãos para atender a demanda. As táticas usadas para

interpelar possíveis doadores são variadas, incluindo modelos matemáticos apresentados por “experts”, como um hepatologista da USP, que defende a adoção do modelo Meld¹³, que representaria uma mudança drástica de atitude no sentido de diminuir a mortalidade na fila de espera. Recorrentemente os “experts”, profissionais de saúde, principalmente médicos, estão presentes nas reportagens, pois a eles é assegurado o poder de estabelecer certas verdades sobre o corpo humano, sobre as doenças, sobre os transplantes, etc... Estes profissionais anunciarão as “verdades” sobre a maneira de conduzir o processo de transplantes, de como dispor os pacientes em lista, de como distribuir os órgãos de uma forma mais justa possível e aconselharão a adoção de determinadas medidas...

[...] alterando a logística e a dinâmica passiva predominantes de forma a aproveitar a grande disponibilidade de órgãos [...] a taxa de mortalidade na fila de espera é função direta da gravidade do paciente, e não do tempo de espera em lista. Fica evidente, então, que o objetivo prioritário para reduzir seus índices é a adoção imediata do critério de gravidade Meld (SETTE, 2003).

O jornal divulga opiniões que tem o objetivo de esclarecer a população:

A Lei dos Transplantes unificou pela primeira vez o sistema de doação, tornando-o mais transparente e beneficiando em tese mais aqueles que não têm como pagar pelo transplante. Mas não conseguiu resolver a contento o problema da escassez de doadores [...] há pessoas que desconfiam que seus órgãos sejam traficados e outras que temem ser mortas em hospitais para ter seus órgãos retirados. Além disso, há convicções religiosas e reações de ordem sentimental que devem ser respeitadas (DOAÇÃO..., 1998).

Assim, o jornal se dirige ao possível doador apresentando a lei como capaz de tornar a doação mais transparente, tranquilizando seus leitores ao afirmar que todos terão as mesmas oportunidades, dando ensejo aos que não tem como pagar e situando-se no papel de defensor daqueles que tem determinadas convicções religiosas

¹³ Model for End Stage Liver Disease é um modelo matemático que mede a gravidade da doença hepática baseado em três exames laboratoriais e acessíveis a qualquer um em qualquer lugar, considerado pelos americanos como determinantes de uma nova era pelos seus resultados (SETTE JR., 2003).

ou que tem desconfianças quanto à captação e destino dos órgãos. Ao apontar vulnerabilidades e fraudes que ganham materialidade, o jornal mostra seu papel de dar voz às mazelas que poderiam envolver o processo de doação de órgãos manifestando sua preocupação através de excertos como este:

[...] a situação preocupa [...] não há controle sobre quem tem acesso à lista única. A ordem de inscrição pode ser facilmente alterada [...] reduzir ainda mais o número de doações (ALERTA..., 2006).

Deste modo, embora reforce que a lei dos transplantes é adotada para dar visibilidade ao processo, o jornal parece não se cansar de divulgar situações onde a fila é ou pode ser burlada.

A vida pós-transplante é trazida ao jornal para que os prováveis doadores saibam que há vida após o transplante. Esportistas famosos como o campeão de natação Gustavo Borges é chamado para assistir e comentar as competições criadas entre os transplantados...

*[...] um dos objetivos era mostrar a boa qualidade de vida pós-cirurgia (MINIMARATONA..., 2002).
[...] fiquei surpreso, não sabia que existia essa categoria de atleta [...] têm fôlego de campeão [...] tirar o estigma de que transplantado é uma aberração. Nós só somos diferentes porque fomos premiados com uma segunda chance de vida (BORGES..., 2002).*

Assim sendo, as reportagens do jornal veiculam certa categoria de atleta, o atleta transplantado, com fôlego de campeão, e veicula que transplante não é uma aberração, deixando implícito que todos podemos e devemos doar os órgãos, mesmo que este prêmio anunciado, a “segunda vida”, não seja bem explicado, nem suas vantagens e qualidades nem suas desvantagens, já que a morte dos que são transplantados ganham pequenas e breves passagens no jornal. Foi assim com a morte do ator Norton Nascimento:

[...] a morte aconteceu em decorrência de falência cardíaca secundária por um quadro infeccioso pulmonar [...] o ator estava internado na UTI [...] a Beneficência não informou a data em que Nascimento foi hospitalizado (ATOR..., 2007).

A reportagem conta rapidamente que o ator havia feito transplante, silenciando sua vida como transplantado, sua morte, se detendo em mostrar sua trajetória profissional e que deixa esposa e 3 filhos. Foucault (2006a) ao falar o que aparece aos nossos olhos, os discursos que se tornam mais frágeis e incertos, diz que ignoramos a vontade de verdade como “prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, procuraram contornar essa verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura [...]” (p.20).

As pessoas transplantadas aparecem no jornal para mostrar a importância de doar os órgãos, dizendo como viviam antes e como vivem depois de receberem um órgão.

Ela passou por um transplante de coração há um ano e cinco meses por sofrer de miocardiopatia dilatada, [...] sentia cansaço e taquicardia [...] se a operação não tivesse sido feita em agosto de 96, em setembro ou outubro do mesmo ano eu estaria morta [...] Todo mundo devia doar os órgãos. Quando a gente morre, o corpo vai junto com a alma. Além disso, uma única pessoa pode ajudar muitos doentes (FORTINO, 1998)

O jornal veicula nos textos o quanto as pessoas sofrem antes dos transplantes, suas alterações fisiológicas tais como cansaço e taquicardia e mostra como elas estão entre a vida e a morte dependendo das doações alheias. O transplante significa superar a morte, começar uma vida “nova” e reforça que uma única pessoa doadora pode salvar vários doentes.

Jovem, entre 15 e 22 anos, morador de uma grande cidade brasileira [...] a pessoa que morre devido a causas externas (homicídios e acidentes de trânsito, por exemplo) tem grande chance de sofrer morte cerebral sem danos na maioria dos órgãos, o que a transforma em doador potencial [...] são justamente os jovens as principais vítimas de mortes violentas nas cidades [...] 76% tiveram morte violenta [...] que a lei só vai fazer efeito de verdade quando os jovens se tornarem adultos (FORTINO, 1998).

O perfil do melhor candidato a doador é descrito no jornal, mostrando que os jovens são os que morrem com as melhores condições de doar órgãos, por não apresentarem doenças crônicas, sofrerem mortes violentas, o que causaria morte

cerebral sem danos aos órgãos, e por viverem nas cidades onde estariam mais expostos a essas situações de risco. Ao abordar o assunto da lei da doação presumida, um “expert”, o criador da Central Única de Transplantes, falou sobre a conscientização dos jovens desde a infância, mostrando o que Foucault (2007c) disse ser a maneira de conduzir a conduta dos homens, isto é, desde criança se deve governar os sujeitos para que esses tenham quando adultos determinados comportamentos. Desta maneira, ao invés de informar os jovens que se cuidem, evitem exposições a situações de risco e que não se tornem doadores, tais discursos parecem reforçar a atitude dos possíveis doadores.

Outro assunto que é recorrentemente apresentado pelo jornal é a lista de candidatos à espera de um transplante. A busca pela diminuição da fila como consequência do aumento das doações parece ser o foco de atenção, seja de pessoas ou de instituições, embora seja fácil entender que a fila jamais terminará, pois sempre teremos novos candidatos a transplante.

[...] essa taxa de mortalidade é muito difícil de mudar. Talvez a lista única ajude. [...] o problema é que a demanda é muito maior que a oferta (MARTINS, 1997).

[...] 10 mil mortes encefálicas por ano [...] só a metade é notificada [...] se somarmos o aviso tardio [...] o desperdício pode ser ainda maior [...] dos órgãos captados, 40% são descartados [...] o aproveitamento real é de 10% [...] a taxa de doações cair 17,8%, de 7,3 para 6 doadores por milhão de habitante (COLLUCCI, 2007b).

[...] o principal empecilho [...] a escassez de doadores [...] falta de leitos [...] uma debilidade no funcionamento da lista (A BABEL..., 2000).

Os excertos mostram que os dados de mortalidade em fila são muito difíceis de mudar, devido à escassez de órgãos e as estimativas de doações que não tem mudado no decorrer dos anos. Mesmo após a implantação de uma metodologia considerada nova e que traria solução, o desperdício continua ocorrendo, órgãos são desprezados e o aproveitamento se torna insuficiente para atender a demanda. Com isso, ainda que as matérias estimulem a doação, o jornal apresenta as mazelas da mesma mudando o foco de abordagem para as estruturas hospitalares.

*O que falta é estrutura. [...] o problema é que os leitos de UTI são poucos [...] se o sistema for melhorado, além de se oferecer melhor atendimento para quem tem chance de sobreviver, a possibilidade de oferta de órgãos é maior [...] o SUS é um atraso de vida para os hospitais particulares. Eles precisam de incentivo, convênios com outras empresas da iniciativa privada (ESTRUTURA..., 1997).
 [...] permissão para que qualquer hospital que fizer a captação possa cobrar os custos do SUS (Sistema Único de Saúde), mesmo que não seja credenciado ao sistema, e o reajuste dos valores pagos pelas cirurgias (GOVERNO..., 2001).*

O jornal veicula através de seus “experts”, que o SUS é um atraso para os hospitais particulares e que o sistema deveria criar incentivos para melhorar os processos de transplante e facilitar as doações e cirurgias de implante nestas instituições, que necessitam de equipes especializadas, o que exigiria uma fonte de renda maior para mantê-las. Assim, o jornal aponta melhorias a serem criadas e mantidas pelo SUS, como recursos para treinamento, reajustes dos repasses monetários aos que participam do processo e para as instituições.

Apontar países e instituições que são exemplos parece ser uma das táticas utilizadas pelo jornal. Tal é o caso da Espanha, a campeã mundial em transplantes que mostra o que é necessário para ter mais doações.

*[...] a Espanha é considerada o país que tem o melhor modelo e a melhor estrutura para transplante de órgãos. É a campeã mundial nesse tipo de procedimento [...];
 [...] o primeiro passo é educar a população sobre a importância de doar os órgãos e adotar um diálogo diferente, mais curioso, com os familiares [...];
 Não adianta pedir a uma mãe que perdeu o filho que ela doe os órgãos dele. A pergunta é se ela quer ter a oportunidade de ajudar outras pessoas (ESPANHA..., 1999).*

O jornal divulga que se estuda a implantação da metodologia empregada na Espanha, repetindo que aquele país é um exemplo a ser copiado, pois desenvolveram um sistema informatizado que agilizou a captação de órgãos e a identificação dos receptores, reduzindo para quase zero a perda de órgãos. Este é sempre o ponto,

copiar os bons exemplos através de uma metodologia que faça diminuir o desperdício, aumente o número de transplantes e diminua a fila de espera.

[...] um grupo de 30 técnicos e médicos brasileiros vai aprender a metodologia empregada na Espanha [...] os espanhóis adquiriram uma experiência muito grande. [...] vão aprender com os espanhóis técnicas que vão desde a abordagem da família de um potencial doador, com o objetivo de obter órgãos para a doação, até o acompanhamento pós-transplante de um paciente. [...] os técnicos e médicos se tornarão os monitores na implantação da nova lei de doação de órgãos (ALVES, 1997).

A matéria destaca o grupo que irá aprender as técnicas que dão certo na Espanha, para depois serem os monitores da sua implantação no Brasil.

As campanhas que estimulam a doação de órgãos migram de foco, pois se há uma década elas procuravam tirar dúvidas, hoje procuram estimular as doações já que as pessoas clamam por mudança, mas isto nem sempre foi assim. A aflição pela novidade é um sentimento criado pelo capitalismo em meio ao século 19, quando o novo passa a ser algo bom, a ponto de observarmos que esta palavra acompanha tudo o que “quer” ser vendido. Os destaques que apresento a seguir mostram dois jeitos diferentes de “angariar” doadores, mostrando uma diferença de foco e de abordagem ao longo dos anos:

Para 57% dos brasileiros com telefone, a nova lei de doação ‘vai aumentar o comércio ilegal de órgãos [...] para 52%, a lei não dará certo porque os brasileiros não podem confiar na honestidade e na competência da maioria dos médicos [...] o ministério elaborou campanha de esclarecimento [...] rádios e TVs [...] nos horários nobres [...] com médicos especialistas da área (BERNARDES, FIGUEIREDO, 1998).

Minha família já sabe, sou doador [...] a melhor herança que você pode deixar [...] seja feita sua vontade, seja um doador. Com slogans como esses, o Ministério da Saúde pretende reduzir em pelo menos 3% ao ano, até 2007, a fila de órgãos sólidos e zerar a de transplantes de córnea. A pasta lança na próxima semana uma nova campanha para que doadores convençam suas famílias. [...] “Ainda existem questões culturais, falta de informação”, disse ontem o ministro da saúde, Humberto Costa (LEITE, 2003).

Observo que ao longo dos anos ocorre um deslocamento do que é veiculado pelo jornal. Quando ocorreram as mudanças na legislação parece haver uma maior preocupação em comunicar e informar a população sobre as determinações da lei e, atualmente, o discurso propõe o convencimento das pessoas de que doar é um ato de bondade, melhor herança que alguém pode deixar. No entanto, mesmo que mudem os discursos, o alvo das investidas gira em torno das famílias, já que elas têm o poder de decidir sobre a doação dos órgãos dos falecidos. Assim, mais informações e “facilidades” podem mudar a “cultura” dos brasileiros que impedem a autorização das doações.

[...] a lei prevê auxílio-funeral como forma de incentivar doações. [...] isso contraria o princípio básico que é doar, e não negociar órgãos [...] tem pouca gente disposta a ajudar. Acho certo aliar um ato generoso a um velório e enterro dignos [...] é inócua e que essa não é a melhor forma de sensibilizar as pessoas (IGLESIAS, 2008).

Observo que o Governo e as organizações que investem nos transplantes utilizam diferentes modos de influir na decisão de doar das pessoas. O jornal mostra que tem pouca gente disposta a ajudar, isto é, a doar órgãos, e que o auxílio citado poderia “dar dignidade a um ato generoso”. As palavras que são usadas nos textos tendem a sensibilizar as pessoas para a doação, sendo repetidas nas reportagens analisadas. Entendo que a prática de repetição do discurso pretende, governar as pessoas conduzindo-as a esse fim conveniente.

Momentos de crise no país interferem e refletem no andamento dos transplantes. O jornal acompanha essas tragédias e mostra como esses transtornos estão conectados com o sistema de transplantes. Tragédias que vão desde atrasos de vôos que impedem os transplantes até mortes e assassinatos.

Caos nos aeroportos provoca suspensão de 2 transplantes [...] E eu, que nunca andei de avião, já fui prejudicada...É um absurdo. E se fosse uma pessoa que dependesse do rim para sobreviver? Eu pelo menos ainda consigo esperar algum tempo [...] o transplante é a única saída para a cura (CAOS..., 2006).

Atrasos e cancelamentos de vôos conectam as histórias das pessoas que foram prejudicadas, seus lamentos, seus prejuízos com o caos. Outras tragédias são trazidas pelo jornal para evidenciar como determinados atos podem resultar em uma boa ação por parte das pessoas. São assim os casos de pessoas que morrem injustamente, que são vítimas do que podemos chamar de “atrocidades do destino” e das que sofrem atentados à vida.

[...] órgão de menina que teve morte cerebral após extrair dente foi para garoto com hepatite [...] hepatite fulminante [...] o menino entrou na fila dos transplantes na noite de anteontem, depois que os médicos constataram que ele poderia morrer em dois dias, caso não recebesse um novo órgão (BEBÊ..., 2006).

Mortes inesperadas que se transformam em grandes feitos dão visibilidade aos transplantes e fama aos que autorizam as doações em momentos de luto e perda. Assim também é o recente desfecho do seqüestro de “Eloá”, quando o jornal fez circular inúmeras reportagens mostrando dados que se repetem ao longo das mesmas. O velório foi visitado por mais de 30 mil pessoas sendo transmitido pela televisão para todo o país, pessoas passavam levando cartazes e faixas sobre a garota. Sua morte comoveu a todos e foi bastante divulgado, tendo a garota sido “baleada na cabeça” pelo ex-namorado, que a manteve, juntamente com sua amiga, reféns por mais de cem horas no apartamento onde morava. Mas tais episódios foram quase exorcizados pela doação de seus órgãos...

[...] para a mãe, foi muito difícil entender que o coração está batendo, mas que [o corpo da filha] não tem mais vida. Isso foi difícil [...] ela [a mãe] acabou elaborando bem essa questão. No sofrimento todo, [a família] vai dar alegria a muitas pessoas (WESTIN, 2008a).

[...] pelo carinho que ela tinha pelas pessoas, pelo amor, acredito que é o que ela queria, disse a prima [...] para nós, foi ao mesmo tempo triste e alegre [...] alegre porque ela finalmente recebeu o coração. E triste por causa da morte de Eloá e do sofrimento da família dela (WESTIN, 2008b).

Assim, a autorização da doação de seus órgãos pela mãe representou um alento para a família, em meio a dúvidas e sofrimento, o que significou alegria às pessoas beneficiadas com a doação, demonstrando os poderes da doação, os sentidos que ela pode assumir, inclusive na elaboração da perda de entes queridos. As pessoas que recebem agradecem a doação, ao mesmo tempo em que expressam pesar pela morte que a gerou. A retirada dos órgãos (coração, pulmão, fígado, pâncreas, rins e córneas) e o destino de cada um deles é narrado em diversas reportagens, sendo mais uma vez emprestada uma identidade aos órgãos que ora são descritos sós, ora fazendo parte de um corpo. Os beneficiados também são apresentados, suas doenças descritas, seu tempo de espera e como foi o procedimento de implante dos órgãos, publicizando o generoso gesto da doação em um momento tão difícil. Parece que é na ocasião desses grandes desastres que a morte se torna pública, os receptores passam a existir para os doadores, a doação propõe uma maneira de superar a dor e o sofrimento causado pela morte.

Foucault (2006a) ao falar sobre as narrativas das sociedades de discurso, diz que estas se contam, se repetem e se fazem variar, conforme circunstâncias bem determinadas, coisas que são ditas uma vez e se conservam, havendo o que o autor supôs ser uma espécie de desnivelamento entre os discursos...

[...] os discursos que "se dizem" no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer (p.22).

O renascer do discurso, que reaparece sem cessar, faz emergir o espaço do jogo de palavras das reportagens do jornal, dizer pela primeira vez aquilo que já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que não havia jamais sido dito, mostrando, mais uma vez que o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.

4.2 Sustentando o discurso – a biopolítica

Observo que no decorrer desses anos o tema dos transplantes e doações de órgãos no Brasil e no mundo é abordado recorrentemente pelo jornal, utilizando um aparato numérico que impressiona, fazendo um jogo que se entrecruza e que alcança a vida das pessoas que o lêem. Foucault (1999) ao falar sobre as tecnologias de poder destaca que a técnica disciplinar se desloca para outra superfície, não de modo individualizante, sobre o corpo individual, mas massificante, sobre o homem vivo que ele também denominou de homem-espécie, agora assumindo uma outra perspectiva, a da população, apontando para o que ele chama de uma “biopolítica” da espécie humana,

[..] trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos, [...], constituirão, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. (p.290)

Deste modo, taxas de doações, de transplantes, de desperdício de órgãos, de mortes dos que esperam na fila de transplantes são tratados como fenômenos que podem ser medidos, possibilitando realizar um mapeamento dessa população. Esse controle dos fenômenos produz um panorama dos transplantes no Brasil, de sua evolução no decorrer dos anos, da melhora da sobrevivência dos transplantados, visando identificar as doenças como fatores permanentes, mostrando os doentes e suas doenças, a perda de suas forças, suas limitações econômicas, seu convívio com a doença. Lembro que o jornal retoma esses fenômenos nas matérias e indica a necessidade de se ter mais doadores e diminuir a fila de espera, a fim de que ocorram mais transplantes. As reportagens do jornal mostram as doenças como fenômenos da população, que não se abatem brutalmente sobre a vida, como as epidemias, mas como uma morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, corroendo-a, diminuindo-a e enfraquecendo-a (FOUCAULT, 1999).

Os títulos das reportagens já anunciam o que o texto vai abordar, de forma direta e impactante, marcando o que é bom e o que é ruim. O que é bom é referido como crescimento, recorde, subida, sempre relacionados a dados estatísticos mostrados e comentados por algum “expert”. Por outro lado, o que é mau, é apresentado como falência, desperdício, morte e quedas consecutivas no número de transplantes, quando as doações não são as esperadas. As reportagens abordam dados que se repetem, há um sobe e desce dos números no decorrer dos anos, sendo enfatizado tanto o recorde como a queda.

Na década de 90 ocorreram grandes mudanças no que diz respeito à política de transplantes de órgãos e tecidos no Brasil, configurando aquilo que Foucault (2007a) considera uma estratégia¹⁴ biopolítica, por se constituir na maneira de conduzir o processo de transplantes. Entre 1997 e 2001 ocorreram mudanças na legislação que estão implantadas até hoje, tais mudanças são tidas pelo jornal como “as grandes mudanças”. Foi neste período que se deu a transição legal encerrada com a aprovação da Lei de Transplantes, onde a decisão de doar passou a ser de responsabilidade da família do paciente em morte encefálica. É importante destacar estes fatos, pois foi neste período que se constituiu o que se pode chamar de rede de transplantes no Brasil, com a criação do SNT, das Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO), em níveis Nacionais e Estaduais, bem como o Cadastro Técnico Único, a fila única de espera de órgãos. A criação destes mecanismos é que torna possível o controle do que acontece com as pessoas que necessitam de um transplante de órgãos.

Entendo que o SNT, como estratégia desta biopolítica, utiliza-se do que eu considero a grande tática¹⁵, a fila única, pois esta permite compreender este processo e mantê-lo visível. Esta nova tática vigia os doentes que estão inclusos nela com seus exames, hierarquizando os que têm valores piores e melhores, pois estes poderão subir ou descer de posição, possibilitando que sejam transplantados ou não. A criação da fila

¹⁴ Utilizo estratégia no sentido que Foucault (2007b) descreveu uma série guerra- política, onde “a estratégia que permite compreender a guerra como uma maneira de conduzir a guerra entre os Estados; [...] as nações defrontam suas forças econômicas e demográficas...” (p. 142).

¹⁵ Utilizo no sentido de uma série exército-política abordada por Foucault (2007b), onde “ a tática que permite compreender o exército como um princípio para manter a ausência de guerra na sociedade civil. [...] controle dos corpos e das forças individuais” (p. 142).

única buscou formar “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, no caso os pacientes que aguardavam transplante, em multiplicidades organizadas, uma vez que até então não se tinha conhecimento do hospital em que o paciente estava inscrito, da equipe que seria sua transplantadora, do centro transplantador, da gravidade e do paciente. Ao integrar a fila única os doentes sabem sua posição, seu lugar em relação aos outros, podendo ser controlados e vigiados pelos de fora, no caso, pelos demais pacientes, médicos, e pelo centro transplantador, pela CNCDO, pelo SNT, pois esta classificação permite observar, controlar e regular a circulação dessas pessoas, estabelecendo um quadro econômico possível de detectar presenças e ausências, constituindo um registro geral e permanente dos doentes e das equipes envolvidas com eles.

Esta técnica possibilitou a visibilidade do processo de transplante, quem transplanta mais ou menos, quantos morrem, quantos recebem órgãos, quantas doações são realizadas, quantos órgãos são aproveitados, e quem não segue a lei, quem permite furar a fila e quem desperdiça órgãos. É através deste esquadramento que se torna possível o controle estatístico do processo de transplantes, bem como, é visto como incentivo a novas doações, como mostra o jornal...

O uso da lista única, pública e eficiente na destinação dos órgãos, coibindo desperdícios ou desvios, é o melhor estímulo para aumentar o número de doadores no país (VIDA..., 1998).

Entendo que a biopolítica utiliza e se encaixa nestes instrumentos disciplinares para dirigir a vida dos homens, para coordenar os tratamentos, centralizar as informações, normalizar os saberes, introduzindo mecanismos mais sutis, economicamente muito mais racionais, mecanismos de seguridade. A biopolítica cuida da população, dos prováveis doadores e dos que aguardam por um órgão, considerando-os como fenômenos coletivos, e fazendo previsões, estimativas estatísticas, de medições globais. Como consequência, estabelece mecanismos reguladores que vão equilibrar, manter uma média, “otimizar” de maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio, de regularidade, de levar em conta a vida e de processos de regulamentação, o que consiste em fazer viver (FOUCAULT, 1999).

A presença constante dos “experts” no jornal apresentando números que evidenciam o que ocorre em termos de doação no Brasil e no mundo faz com que se estabeleça uma comparação do país com outros considerados mais avançados, os quais seria desejável imitar.

[...] mas o número de transplantes realizados no país fica longe do ideal; [...] o Brasil tem apenas 3,5 doadores por milhão de habitantes, contra 29, em média, na Espanha (RUSSO, 1999).
[...] embora não indique melhora substancial na situação de escassez de órgãos, dá ensejo a algum alento [...] o número se mostra ainda desapontadoramente baixo [...] com o pequeno progresso [...] ocorrem poucas 3,5 doações [...] listas de espera que só fazem aumentar, tanto em candidatos como em agonia (MAIS..., 1999).

O presidente da ABTO comenta o crescimento no número de transplantes registrado em 1998 com relação ao ano anterior, e que foi o primeiro aumento registrado desde 93. Os dados são abordados com palavras que impactam o leitor, utilizando termos como substancial, ensejo, poucas, pequeno progresso e agonia que revelam e nomeiam a situação dos transplantes no nosso país. Foucault (2006a) ao falar sobre discursos autorizados diz que “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (p.18).

É neste jogo de números que as reportagens interpelam o leitor, mostrando “as verdades” do mundo dos transplantes. Nos primeiros anos após a implementação do novo sistema de registro, o jornal traz “experts” para comentar os dados que eram encontrados no Brasil, apontando as pessoas que aguardavam, o número de doadores, as projeções para o ano em comparação com os anteriores. Os dados se referem após a implantação do SNT, que possibilitou o registro, o controle e vigilância do que acontece, como na fala seguinte:

[...] a projeção para este ano [...] é que os doadores cheguem a 3,6 para cada 1 milhão de habitantes. Em 98 e 97, foram 3 e 2,8, respectivamente (FLORESTA, 1999).

Com o acúmulo de informações numéricas, o discurso veiculado pelo jornal começa a ser mais direcionado, enfatizando os melhores e piores resultados dos dados de doações e transplantes, destacando um período de queda que ocorreu entre 2004 e 2007, quando o responsável pelo Registro Brasileiro de Transplantes, da ABTO, Valter Duro Garcia comenta

[...] o país está chegando a resultados iguais aos de 1998. Tudo o que avançou nesses anos está se perdendo agora. A nossa expectativa era crescer pelo menos 0,5 (doadores por milhão de habitantes) por ano (REIS, PICHONELLI, 2007).
[...] a marca ainda é inferior à de 2005 (6,3) e à de 2004 (7,2), a maior marca até hoje. Na Espanha, o índice chega a 35 (PICHONELLI, REIS, 2008).

O ano de 2004 é lembrado em várias reportagens como o ano em que se bateu o recorde histórico em doações no Brasil, de modo que os números se repetem nas reportagens ao longo desses 10 anos de intenso acompanhamento dos mesmos. Eles aparecem como taxas, números totais, número por milhão de habitantes, para mostrar o sobe e desce das doações. Esses números são utilizados pelos “experts” para abordar os fatores que contribuem para o aumento ou diminuição dos eventos, produzindo uma rede de informação sobre os pacientes, sobre os potenciais doadores. Tais dados são usados para atingir a população, para mostrar o quanto se gasta e o quanto se investe.

As reportagens do jornal se referem aos altos custos para a manutenção dos pacientes que aguardam por um transplante, os investimentos necessários, os já executados para que seja possível realizar transplantes e contrastam com o que é apresentado pelo jornal. Altos investimentos nesta área realizados pelo Governo contrariam os comentários quanto às condições hospitalares brasileiras que são tidas como péssimas, sem estruturas para captação de órgãos e conspiram contra a esperança de quem vive o martírio da espera de um órgão.

[...] crise da saúde no país [...] estrutura horrível dos hospitais, onde o atendimento é péssimo [...] falta de infra-estrutura (REIS, PICHONELI, 2007).

[...] a falta de estrutura para a captação de órgãos. Outros problemas, como financiamento [...] conspiram para tornar o transplante não uma esperança de uma vida melhor, mas um martírio (FALTAM..., 2000).

[...] o governo aumentou [...] passando de R\$ 343 milhões em 2003 para R\$ 400 milhões neste ano (NÚMERO..., 2004).

Comenta e compara os custos entre a Espanha, onde cada paciente em diálise custa US\$ 50 mil anuais, e o Brasil, já que a metade das pessoas em lista de espera aguarda por um rim,

[...] os gastos com diálise ultrapassam R\$ 1,1 bilhão, contra R\$ 600 milhões de todo o sistema de transplantes. Há mais do que razões humanitárias, como se vê, para considerar o modelo espanhol com atenção (TRANSPLANTES..., 2007).

Tais argumentos apresentam a manutenção dos pacientes em lista de espera como mais onerosa do que a realização de transplantes. Entendo que os discursos do jornal exercem procedimentos que se autocontrolam, que funcionam como princípios de classificação, de ordenação e de distribuição, colocando em jogo o poder e o desejo, das pessoas envolvidas e dos dados estatísticos sobre transplante de órgãos.

Foucault (2006b) aborda o desenvolvimento dos conhecimentos a respeito da vida em geral, das observações e medidas visando à vida e a sobrevivência dos homens que contribuíram para um relativo domínio sobre a mesma e que afastava alguns da iminência da morte. Fala da biopolítica designando o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana, que a organiza e a amplia, enfim, procedimentos de poder e saber que controlam e modificam os processos da vida. Deste modo, o homem ocidental aprende a ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva. O biológico, então, se reflete no político, já que viver não significa emergir de tempos em

tempos, no acaso da morte ou da fatalidade, viver cai no campo de controle do saber e de intervenção do poder.

*[...] cabe às autoridades perseverar, esclarecendo o público sobre a importância da doação e aparelhando hospitais para garantir aproveitamento máximo dos órgãos salvadores (MAIS..., 1999).
[...] pessoas já morrem muito amiúde de forma tola no Brasil; se essas mortes puderem reverter em vida para outros, menos mal (FALTAM..., 2000).*

Podemos entender que esse controle estatístico dos transplantes de órgãos que se torna visível nas matérias do jornal, parece ser reivindicado e servir de objetivo à vida, a vida como objeto das lutas políticas, como nas falas do jornal acima. “O ‘direito’ à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o ‘direito’, acima de todas as opressões ou ‘alienações’, de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser [...]” (FOUCAULT, 2006b, p.158).

4.3 Governando sujeitos – a subjetivação

As “novas tecnologias” têm impulsionado os seres humanos para criar ferramentas e instrumentos dos quais fariam uso para lutar contra aquilo que nos é superior, para controlar uma força (a natureza, as limitações de nosso corpo) e ultrapassar limites (de tempo, espaço). Limites que ao falar em doação de órgãos poderia se entender como o desejo moderno de lutar contra a morte, de viver mais e melhor, de trocar partes que estão morrendo e com isso sonhar em ter, talvez, uma vida eterna. O jornal se insere nesse recurso midiático que se vale de certas discursividades, estabelece complexas relações, veicula e reafirma verdades, produzindo modos de sujeição e subjetivação a elas correspondentes (FISCHER, 2007). Verdades que ao atingir o espectador produzem a vontade de se submeter a elas, fazer parte delas e brilhar como elas, e então ter seu momento de heroísmo e fama, como nas novelas, nos filmes, nos contos...

No decorrer das reportagens do jornal vai se construindo uma rede de saberes em que o corpo se insere, estabelecendo novas relações de poder que posicionam os sujeitos de diferentes modos (ANDRADE, 2004). Tais saberes se manifestam através de discursos que dizem aquilo que somos ou devemos ser, produzindo identidades, constituindo os doadores de órgãos. A mídia veicula discursos que são endereçados e interessados e que visam atravessar os sujeitos por meio de estratégias de convencimento que levam a se identificarem, ou não, “a sentirem-se nomeadas, visibilizadas e valorizadas nestes discursos midiáticos” (p.110). Assim, o jornal forma uma rede de discursos que interpela seus leitores, fazendo com que não tenham escolha, pois torna visíveis estratégias que regulam, controlam e governam os corpos, determinando identidades para sujeitos doadores de órgãos. Os mortos que doam seus órgãos deixam-se transparecer por intermédio de seus familiares, e estes ganham seu momento de “fama” ao falar sobre a doação. Assim também acontece quando a mídia veicula grandes tragédias que culminam em doações atuando como um meio de incentivo a novas doações, pois emocionam e atingem as pessoas.

Os artefatos que o jornal utiliza governam os corpos individuais e a população através de uma multiplicidade de táticas, contribuindo para o que parece ser o fim mais conveniente, ou seja, mais doações de órgãos. Neste grupo, trago alguns excertos que mostram como determinados sujeitos circulam nas matérias do jornal. Fischer (2007) ao falar sobre a narrativa midiática, entre as vidas vividas e as vidas narradas, refere uma íntima relação, o real e a ficção se confundem, funcionando como um lugar privilegiado de superposições de “verdades” e, com as tecnologias investidas neste campo, qualquer discurso é passível de ter seu efeito ampliado, interferindo no modo como serão apreendidos...

[...] os códigos culturais, visíveis e vividos no interior dos diferentes espaços sociais – inclusive e especialmente nos meios de comunicação – constituem, pautam, normalizam e normatizam não só a própria criação, a elaboração de narrativas, como ainda o modo pelo qual elas são lidas, percebidas, recebidas pelas pessoas (idem, p. 295).

O jornal conta histórias que sugerem evidenciar o que acontece no “mundo” dos transplantes, e principalmente conta essas histórias se utilizando de apelos públicos que vão ao encontro das emoções dos leitores...

*[...] a morte estúpida de um integrante dos Titãs, Marcelo Fromer, foi sucedida pelo mais belo gesto de solidariedade que uma família poderia praticar numa hora de tanto sofrimento [...] a doação de órgãos vitais de um filho para salvar ou melhorar vidas (SERRA, 2001).
“É cedo, ou tarde demais, para dizer adeus, pra dizer jamais” (TITÃ..., 2001).*

A decisão generosa que a família tomou, conforme apontado, é um exemplo do que é veiculado pelo jornal, um artista que morreu, morte que é estúpida, uma família que tomou a decisão certa e que com isso proporcionou mais vida. A esta rede discursiva é acrescentada uma personalidade política respeitada, um “expert”, o Ministro da Saúde, para apoiar os discursos do jornal. Dizeres certos, pela pessoa certa, no lugar certo (o jornal que mais circula no país) e no momento certo, acrescido ao luto daqueles que se despediram ao tom dos versos da música da banda dos Titãs “Pra Dizer Adeus”.

Fischer (2007) destaca que, com frequência, o jornal, as revistas, as reportagens de televisão transformam meteoricamente em heróis algumas *performances*, neste caso, os sujeitos doadores e suas famílias, os que necessitam de órgãos, os centros e equipes transplantadoras, os “experts” que comentam os assuntos e os que estão nas filas de espera,

[...] a palavra usada é essa, sempre, à exaustão: herói. [...] Tudo se mescla, tudo se confunde. Com uma velocidade e uma instantaneidade inimagináveis em outros tempos, não só temos acesso a informações e imagens, mas ouvimos e lemos histórias transformadas em grandes feitos, marcados por uma adjetivação de excelência, onde tudo é “super”, “extra”, “mega” (p. 295).

Os heróis de quem falo assumem diferentes posições, assumindo determinados personagens, conforme as situações que acontecem. Os heróis doadores são reportados e caracterizados por seus familiares e pelos “experts” após terem doado seus órgãos. As reportagens mostram a atitude tomada como gesto universal, que

representa pureza, generosidade e a vontade do falecido. Tal gesto expressaria como ele era, carismático e cheio de vida, que após a morte doa vida a outros que dela dependem. Pessoas famosas como o guitarrista Marcelo Fromer servem de exemplo e pessoas que mesmo jovens, com apenas 11 anos, já haviam expressado em vida sua vontade de doar, como na doação dos órgãos de um menino cuja mãe relata que atendeu a vontade de seu filho e doou todos os órgãos.

*A doação é um gesto universal [...] [...] a pureza do seu último gesto de generosidade (RAIA, 1998).
[...] pessoa alegre, carismática e cheia de vida. ‘O céu deve estar em festa. Ele era um cara alegre’, disse a namorada (TITÃ..., 2001).
‘Ele tinha pedido isso pra mim’ {disse a mãe} (MORRE..., 2000).*

A “burrocracia” impede a “qualidade de vida melhor” dos doentes, já que morrem pessoas. Há investimento, não se faz economia de recursos públicos e os resultados não melhoram. Os verbos caracteristicamente utilizados em situação de guerra ou perigo iminente estão presentes nas matérias do jornal para demonstrar as táticas empregadas para captarem mais órgãos. Esta “caçada” é mostrada na reportagem, enfermeiros, assistente social e médico são apresentados como caçadores numa busca ativa por doadores, lutando contra o tempo que é considerado o maior inimigo para a retirada de órgãos sadios. Assim sendo, as lutas mostradas pelo jornal parecem enfatizar que o discurso sobre doação está inserido num meio considerado similar a uma guerra.

*[...] pessoas morreram porque não tiveram acesso a órgãos [...] SUS gastou 1 nota [...] deixou de economizar recursos públicos [...] qualidade de vida melhor aos doentes [...] nossa inefável burrocracia (não é erro de revisão) (PASTERNAK, 1998).
[...] serviço vai “caçar” órgãos para fazer transplantes [...] rastrear 24h por dia a existência de pacientes que tiveram morte cerebral na região de Ribeirão e que podem doar órgãos para transplante (SERVIÇO..., 1998).*

O jornal conta as etapas de uma doação de órgãos, e repete a vontade dos falecidos que salvam vidas quando morrem, emprestando sentidos inusitados às perdas:

[...] era um médico querido, trabalhava com pessoas carentes... tinha certeza de que seria o primeiro a autorizar a doação... posso dizer que meu filho salvou seis vidas (“MEU...”, 2007).
Na última novela das oito, uma personagem, após morrer, teve os órgãos aproveitados [...] Quando essas notícias são divulgadas, as pessoas discutem o assunto, tiram suas dúvidas e perdem o medo (NÚMERO DE TRANSPLANTE DE RIM..., 2004).

Os modos de interpelação que o jornal utiliza usando pessoas conhecidas e com determinado status social, como foi o caso dessa doação, onde um médico doou todos os seus órgãos como um “médico querido”, e um dos órgãos salvou um artista¹⁶ comoveu o país naquele ano. A divulgação de notícias relacionadas a transplantes, como na novela Mulheres Apaixonadas e o transplante do ator, resulta em aumento das doações, pois fazem circular discursos que sensibilizam as pessoas, dando visibilidade às pessoas queridas do público e que necessitam de um transplante para continuarem a viver.

Entendo que as classificações que o jornal utiliza nomeiam o doador, atribuindo-lhe características como: bondade, solidariedade, doação como um gesto de força, generosidade, exemplo notável, influenciando no modo como os sujeitos querem ser percebidos pela sociedade. Por outro lado, classificam os não doadores, não precisamente como pessoas que decidiram não doar, mas identificando-os como carentes de informação, de solidariedade, como disse o Ministro da Saúde em um dos excertos a seguir:

[...] falta doação de órgãos e falta, eu não diria solidariedade, mas consciência das possibilidades de exercê-las (SERRA, 2001).
[...] como fica a consciência dessas pessoas no evento futuro de elas necessitarem de um transplante? E se um filho dessas pessoas precisar [...]? (SATO..., 1999).

¹⁶ O artista que falo é o ator global Norton Nascimento.

As reportagens apelam para a consciência e o medo das pessoas que não autorizam a doação e que podem, no futuro, precisar de um órgão. Fonseca (1995) ao falar sobre os modos de sujeição na constituição do sujeito define esse comportamento como o modo que o sujeito deve se relacionar com a regra a qual se vê obrigado a cumprir e se reconhece ligado a esta obrigação. O modo de sujeição seria a idéia que o indivíduo faz de si próprio diante de agir de tal ou tal maneira, em função de tal ou tal moral.

Recentemente, o caso de Eloá foi abordado pelo jornal como um exemplo, onde a família da menina autorizou a doação de seus órgãos...

[...] milhares de pessoas estão na fila de espera, e a oferta é rara, incerta, cercada de preconceitos [...] afinal, todos nós somos vítimas potenciais da fatalidade ou de doenças que poupam determinados órgãos (CONY, 2008).

O autor fala do crime passional que tirou a vida da adolescente e da doação de seus órgãos sadios como uma prática, ao mesmo tempo, solidária e científica, por aumentar a expectativa de vida e melhoria da qualidade dos que recebem. E pontua os raros casos em que vítimas de mortes violentas deixam instruções a respeito, destacando que são casos que podem ocorrer com qualquer um. Também nesta matéria, não doadores são posicionados como preconceituosos e doadores como salvadores de milhares de pessoas que estão na fila, além de serem advertidos de que poderão ser vítimas potenciais de fatalidades.

O jornal traz fatos notáveis para enfatizar algumas *performances*, como ao reportar sobre o que ele intitulou de “Transplante Inédito”, uma façanha brasileira que foi publicada numa revista de medicina conceituada, a “The Lancet”, e mostra como algumas notícias são admiráveis...

[...] é admirável: o primeiro transplante entre pessoas vivas de rim e fígado, de um mesmo doador para um só receptor. Ainda mais notável, [...] por uma equipe de médicos brasileiros (TRANSPLANTE..., 1999).
[...] realizou em 16 horas nove transplantes [...] a primeira vez na história do HC que foram realizados vários transplantes em curto espaço de tempo (HC..., 1999).

Tal procedimento referido como notável e admirável dá visibilidade as possibilidades da medicina brasileira, destacando como as equipes com ampla experiência superam dificuldades para conseguir feitos inéditos, assumindo riscos e tendo certa dose de ousadia. Fazer vários transplantes em pouco tempo merece destaque no jornal e os sucessos dos transplantes são mostrados como resultados desses grandes feitos. Entendo que o jornal veicula tais notícias para reforçar a importância da doação de órgãos que possibilitaria a vida de outros, mesmo após a morte.

As reportagens veiculadas parecem assumir um papel pedagógico, ensinando a maneira correta de abordar a família, com um diálogo “diferente”, perguntando se querem ter a oportunidade de ajudar outras pessoas. Entendo que as falas no jornal são como códigos morais ou receitas, como proposto por Fonseca (1995), sendo “[...] aquilo que é imposto às pessoas, determinando quais atos são permitidos e proibidos, bem como o valor positivo ou negativo de possíveis comportamentos diferentes” (p.100).

A importância da doação parece ser o foco das reportagens veiculadas pelo jornal. Tal assunto é recorrentemente abordado no correr dos anos, tanto para retratar o entrave da não autorização como para estimular mais doações.

O importante não é a documentação, é a conversa entre o eventual doador e a família (RUSSO, 1999).
Em pelo menos 30% dos casos, isso ocorreu porque a família não autorizou (FLORESTA, 1999).
[...] a campanha será veiculada durante 15 dias e visa sensibilizar famílias a autorizarem a retirada de órgãos, como prevê a legislação (NÚMERO..., 2004).
O principal gargalo hoje é a obtenção de doadores [...] para angariar doadores, as peças falam do “recomeço” da vida dos transplantados (FLOR, 2004).

Os excertos do jornal vinculam os doadores e suas famílias aos chamados “entraves” das doações. O termo vem sendo usado constantemente para se referir à escassez de órgãos que impedem a realização de um maior número de transplantes. Para diminuir este “gargalo” e angariar mais doadores apela-se aos familiares, os

responsáveis pelas doações, para isso o Governo faz campanhas que enfatizam a vida como algo que se tem e que se pode doar, como mostram os excertos abaixo:

*[...] o número de transplantes de órgãos, que vinha aumentando, caiu 28% [...], para tentar reverter o quadro, o governo vai fazer uma campanha publicitária. [...] a queda ocorreu em razão do aumento das recusas das famílias dos possíveis doadores (TRANSPLANTES..., 2005).
 “Vida é para doar e para receber – informe sua família” (TATSCH, 2006).*

Assim, campanhas são veiculadas pelo jornal quando ocorrem quedas de doações. Entendo que essas campanhas produzidas a fim de estimular mais doações têm um propósito, um alvo, a população de possíveis doadores que possibilitam aumentar os índices de doações. Segundo Santos (2002), estas campanhas seriam um “[...] conjunto de ações e materiais [...] produzidos com o objetivo de atingir a uma data especial no que concerne à informação, educação e mudança de atitude (comportamento) [...]” (p.57), ensinando novas habilidades comportamentais e técnicas para superar barreiras, mantendo as mudanças de comportamento obtidas. Entendo que as campanhas que o jornal veicula visam a um fim determinado, captar mais órgãos e, para isso, as reportagens do jornal utilizam princípios do *marketing* social, pois tenta “modificar as atitudes ou comportamentos através da apresentação de idéias ou conceitos, sem a intenção de obter lucro” (p.69), e que é construído pelo discurso de determinados segmentos profissionais, apresentados em acordo com aquilo que os “experts” julgam ser o melhor para a saúde do corpo individual e social.

Os “experts” são recorrentemente convidados a comentar as matérias, opinar sobre determinados assuntos, escrever reportagens que destacam “o que acontece”. Silvano Raia, médico brasileiro que realizou o primeiro transplante de fígado no Brasil na década de 80¹⁷, escreve sobre as condições dos transplantes no país e coloca em discussão os acertos e erros dos transplantes como nos excertos a seguir...

¹⁷ Silvano Raia, hepatologista, foi professor titular, hoje é professor emérito, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e presidente do Conselho de Curadores da Fundação do Fígado.

[...] um dos aspectos mais graves da crise da saúde pública atual [...] a dificuldade de acesso à medicina de ponta pelos pacientes do SUS (RAIA, 1997). [...] é imprescindível conduzir as discussões separando os aspectos inevitavelmente restritos aos grupos profissionais envolvidos de outros, necessariamente públicos, que interferem na decisão de toda a sociedade (RAIA, 1998).

Os apontamentos realizados por pessoas famosas vão ao encontro daquilo que Foucault (2006a) refere com relação ao autor, entendido como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. O jornal mostra de onde vem o discurso, do Ministro da Saúde, do hepatologista, do cirurgião famoso, fazendo a articulação daquilo que falam, os “experts” com sua vida pessoal e suas experiências vividas.

As pessoas consideradas “expert”, detentores do saber e dotadas de poder, são as autorizadas para falar sobre determinados acontecimentos, e podem, em determinados momentos, assumir outras posições, que aqui considero de vilões. Um cirurgião coordenador de transplante de um hospital universitário no Rio de Janeiro falou sobre o Rio Transplante durante anos no jornal. Como “Conselheiro do Rio Transplante”, ele comentou números, comparou os Estados, falou sobre a resistência das famílias, das mortes violentas naquele Estado, sugeriu a criação de novas equipes especializadas para que houvesse mais doação. Por outro lado, em 2008, este mesmo cirurgião é preso por fazer justamente aquilo que o sistema de transplantes tem se organizado para abolir, como mostrado pelo jornal...

[...] está falhando tanto no contato com as famílias dos doadores em potencial como para acionar as equipes médicas especializadas no transplante (ESCOSSIA, PETRY, 2001). [...] acusado de desvio de órgãos e de fraude [...] problemas na lista – tornados públicos pela investigação da Polícia Federal [...] identificou presença de pacientes mortos na espera, duplicidade de pacientes, pessoas que haviam sido transplantadas e continuavam na fila e pacientes selecionados para a cirurgia, apesar de não estarem em primeiro lugar. [...] essas pessoas eram usadas como laranjas pelo grupo liderado pelo médico[...] (GOMIDE, BELCHIOR, 2008).

Pensando nestas histórias que ocorrem no “mundo dos transplantes” como a do médico citado acima, podemos observar como as doenças se transformam em narrativas muito rapidamente, onde a confusão do passado é explicada, o presente requer uma história e o futuro apresenta a possibilidade de maravilhosas resoluções. Assim, tais narrativas culturais se moveriam do problema para resolução com um senso de previsibilidade e confortante repetição que são importantes na construção do sujeito na cultura contemporânea (STACEY, 1997).

Os possíveis doadores e suas famílias enfrentam contratempos ao autorizarem uma doação, o que tem influenciado na decisão de doar. Os hospitais fazem convênio com o Estado para capacitar equipes de transplantes com o intuito de aumentar a doação e captação de órgãos, consideradas as duas maiores causas de não-doações efetivas, como abordado pelo médico Benhur Ferraz Neto¹⁸,

[...] se a comunicação da morte encefálica é feita tardiamente, por exemplo, a chance de parada cardíaca é maior, e a perda do órgão, idem. O mesmo acontece se treinarmos as pessoas para abordar adequadamente os familiares de potenciais doadores (COLLUCCI, 2007a).

As matérias do jornal trazem “casos reais” para ilustrar os empecilhos das doações, o não aproveitamento dos órgãos, o atraso dos processos de captação e as dificuldades que as famílias enfrentam ao autorizarem a doação dos órgãos. Deste modo, as famílias falam de como as falhas no sistema de captação impedem que atendam aos desejos dos falecidos.

Eles nos explicaram que o processo entre a coleta dos órgãos e a liberação do corpo poderia chegar a 72 horas [...] a família é que deveria providenciar a remoção do corpo do IML [...] era um desejo da minha irmã que não pôde ser realizado por falhas do sistema. O governo incentiva a doação, mas com essas falhas, fica difícil (COLLUCCI, 2007a).

¹⁸ Médico da equipe de transplantes do Hospital Israelita Albert Einstein. (COLLUCCI, 2007)

[...] foi uma fatalidade, conta o pai, que decidiu relatar o caso agora para tentar ajudar a melhorar o sistema de transplantes, [...] houve desorganização e falta de vontade (LEITE, 2005).

Os excertos acima se referem a uma reportagem onde um casal para poder doar os órgãos faz o que o jornal chamou de peregrinação e conta toda a confusão enfrentada pelos pais de um menino para doar seus órgãos e a confusão que inviabilizou o aproveitamento do coração. A reportagem aborda o problema do subaproveitamento de mortes encefálicas no país, traz dados do aproveitamento de doações em relação às mortes e compara-os com países desenvolvidos, fazendo minucioso relato da morte do menino e das várias tentativas, telefonemas e contatos para doar os órgãos, onde se destacam informações desencontradas de diferentes órgãos oficiais que são responsáveis pelas captações. Assim, o jornal se posiciona como um defensor das doações, um paladino do sistema, sempre pronto a apontar as mazelas, alguém em que se pode confiar, pois tem o poder de controlar as ações dos responsáveis pelos transplantes.

Órgãos salvadores... são assim que freqüentemente são definidos os órgãos doados, que são capazes de fazer viver e que possibilitam resolver o problema de quem está aguardando na fila. Receber órgãos e ser transplantado significa começar a viver melhor, ter namorada, como falou o jovem citado no excerto acima, mesmo que tenha que tomar vários remédios para o resto da vida.

Os órgãos ganham vida própria nas linhas do jornal, assumindo certas identidades e fazendo parte desta arena em que se transforma o discurso veiculado sobre transplantes. Os episódios implicam em divulgar o que ocorre num processo de transplante, os doentes esperando, a lista de espera, os mortos, os responsáveis pelas doações e transplantes, a escassez, o desperdício...

[...] 172 doentes esperando [...] a lista era maior [...] mas 12 não resistiram [...] só duas equipes médicas realizam esse tipo de transplante [...] ambas sofrem com a escassez de doadores [...] um pâncreas pronto para ser transplantado foi parar na lata do lixo do HC. É o segundo pâncreas desperdiçado em menos de três meses. O outro foi para o lixo da Santa Casa de Mesericórdia (SOUZA, 2000).

As reportagens mostram episódios de burocracia e de descaso sem punição. A reportagem acima, intitulada “Um pâncreas no lixo”, apresenta uma versão do que ocorre com pessoas que aguardam por um órgão, com as que morrem na espera, referindo a escassez de equipes especializadas e de órgãos, que quando surgem, vão parar na lata do lixo. É construído um panorama do desperdício, pois não se tratava de um pâncreas qualquer, era de um doador jovem, saudável e “O positivo”, isso quer dizer, doador universal. Assim, os leitores são informados das perdas de órgãos ao mesmo tempo em que lêem que 172 doentes estão esperando, que 12 já morreram que existe uma escassez de órgãos que quando aparecem vão para o lixo! As matérias do jornal parecem instigar o leitor a lutar contra os desperdícios e a querer um sistema de captação de órgãos mais ágil, o que refletiria em mais doações e transplantes.

Por outro lado, os mesmos órgãos salvadores também necessitam ser salvos, ao mobilizarem uma estrutura complexa como helicópteros da Polícia Civil para resgatá-los em meio ao tráfego das marginais de São Paulo e então, estar em condições de implante em tempo hábil. O coração que ficou preso no congestionamento, e que quase foi inutilizado devido ao tempo entre captação e implante, foi transplantado com sucesso no paciente que vivia um drama há 10 anos e o jornal mostra como o coração foi resgatado... Nova interpelação, mais argumentos que acenam para os órgãos como possuidores de uma identidade: o pâncreas que foi para o lixo, o coração que foi resgatado na marginal numa verdadeira operação de guerra:

O veículo que trazia o órgão vinha de Campinas (95 km de SP) e ficou preso em um congestionamento [...] um helicóptero da polícia civil resgatou o coração e conduziu-o ao Incor [...] não fosse esse apoio teríamos perdido o coração e paciente (HELICÓPTERO..., 2007).

Os pacientes que aguardam em lista de espera também têm seu momento no jornal, onde são mostrados em fotos que são raras ao se abordar o tema transplantes, e quando são mostradas, são de pessoas na fila de espera, em posição sentada, de costas, expressando um certo sofrimento físico. As pessoas falam de suas esperas...

[...] angustiante e desesperadora [...] deixei de viajar e passear, sinto muita fraqueza. Não ganho o suficiente nem para os remédios [...] já fui internado nove vezes [...] a espera é triste. A cada dia que passa, sua vida está mais comprometida (LAMBERT, 1998).

As falas expressam angústia, desespero das pessoas, das coisas que deixaram de fazer, dos seus sofrimentos e limitações com a doença, das suas passagens pelos hospitais, de como eles tem uma vida triste, esperando os dias passarem, na esperança de que chegue o dia de serem transplantados. Os casos reportados pelo jornal mostram todo o caminho dos pacientes, de sua doença até a “vida perfeita”, a vida pós-transplante. Falam de suas perdas com a má saúde, o risco de morte, os procedimentos aos quais eles se submetem, de como eles ficam entre a vida e a morte durante o período de espera por um órgão e mesmo após ter transplantado podem necessitar de um retransplante.

Sua primeira cirurgia de transplante aconteceu em maio do ano passado [...] três horas depois da cirurgia, consegui urinar [...] Mas, depois de quatro dias, ele foi contaminado por uma bactéria hospitalar e entrou em coma [...] muita perda de sangue. O rim teve que ser retirado. [...] dificilmente sobreviveria [...] o segundo transplante foi feito em dezembro do ano passado [...] hoje tenho uma vida perfeita [...] as dificuldades trazidas pela doença fizeram com que ele se tornasse um ser humano melhor [...] ser mais tolerante e a perdoar as pessoas (CONSTRUTOR..., 2001).

As queixas do período de espera se repetem e enfatizam o sofrimento desses pacientes com as longas sessões de hemodiálise, do quanto é limitante, a vida se resumindo em ir do hospital para casa e vice-versa. O doente renal fala que possui uma doença “maldita”, e o quanto o transplante melhora sua vida, trazendo felicidade e tornando-o um ser humano melhor, mais tolerante e que graças ao transplante aprendeu a perdoar os outros. Enfim, os transplantes teriam o poder de produzir sujeitos melhores, mais felizes e tolerantes!

Como Foucault, (2007a) penso que os discursos veiculados pelo jornal investem sobre a vida constituindo os doadores de órgãos. Os discursos sobre transplantes se

inserir nessa rede de saberes e poderes que tem efeitos de verdade, onde “O interessante não é ver que projeto está na base de tudo isto, mas em termos de estratégia, como as peças foram dispostas” (FOUCAUL, 2007a, p. 152).

5 ENTREGANDO O CORPO – A MAQUINARIA MUDIÁTICA

Chego a este capítulo em que me proponho a dar por finalizada esta dissertação e me coloco na posição de fazer um fechamento, sem ter a pretensão de que seja conclusivo. Tenho o desejo, no entanto, de fazer um fechamento provisório onde organizo o que foi dito.

Como vimos até aqui, a dissertação é sobre a constituição do sujeito, mais especificamente, o sujeito doador de órgãos. Busquei, com as ferramentas foucaultianas, analisar os discursos veiculados pelo jornal destacando os modos de produção dos sujeitos para mostrar como esses discursos parecem operar tal qual uma rede de “fazer viver”, conduzindo as pessoas, modelando-as, guiando-as e governando-as. Assim, neste estudo, os discursos podem ser vistos como estratégia biopolítica que utiliza um emaranhado de táticas para conduzir a população, girando em torno das possibilidades da doação de órgãos.

A instituição de práticas que dão visibilidade ao sistema de transplantes, como a implantação da fila única, a legislação que se “adequa” aos interesses da sociedade, o controle estatístico, as campanhas, as expertises usadas na interpelação do sujeito entre outros, dão a entender que têm como objetivo único e final estimular as doações. O discurso que se repete nas reportagens prescreve sempre o mesmo fim, fazer mais transplantes. Para tanto, é necessário que se façam mais doações e o jornal investe em veicular discursos que invocam verdades, definem ações possíveis de serem feitas, de tal forma que ao fim e ao cabo os sujeitos que doam seus órgãos possuem o sentimento de que decidiram doar, que esta é a coisa certa a fazer, uma decisão racional, com a ilusão de que suas escolhas pessoais são pessoais de fato.

Penso que tal estratégia funciona como uma maquinaria, isto é, como um dispositivo de governo dos sujeitos, que se associa e se conecta a muitos outros dispositivos para dar conta de um fenômeno (BUJES, 2001). Para que essa maquinaria biopolítica seja possível, os discursos do jornal parecem não questionar a doação, isto é, dão pouco espaço para debater o sentido dos transplantes, afinal, transplantar é

veiculado como sendo a melhor prática ou a única possibilidade que resta para assegurar a vida. Os discursos do jornal enfatizam que os transplantes “fazem viver” e reforçam que a decisão é uma atitude soberana dos familiares. Para isso, interpelam os sujeitos através de palavras enfatizando que quem doa é bondoso, ajuda aos outros, se torna um ser humano melhor, supera a dor da perda, salva várias vidas, ganha seu momento de fama, entre outros. Por outro lado, o principal “entrave” das doações é a não autorização da família, atitude que é silenciada nas matérias. Para tanto, o jornal nomeia quem não doa como o mal informado, sem consciência, que morre sem ajudar ninguém, perde a oportunidade de deixar a herança mais valiosa: a vida para outros que dependem dela. Desta forma as pessoas se sentem na posição de assumir tal comportamento para serem lembradas como “boas pessoas” e os discursos veiculados pelo jornal não acenam para a possibilidade de que as pessoas possam não querer doar seus órgãos.

As reportagens do jornal mesclam histórias, apresentando os heróis: os doadores, os transplantados, os artistas empenhados em divulgar a causa, os médicos, os cientistas que realizam novas descobertas, as instituições, enfim todos os que lutam contra o terrível monstro que se chama doença, cuja solução seria transplantar. Os vilões também têm seu lugar: a doença assumindo o papel principal e, depois aqueles que dificultam e atrasam os transplantes, os que não doam ou não autorizam a doação, o congestionamento nas grandes cidades, a falta de comunicação entre as instituições e os próprios médicos quando interferem no “bom andamento” do processo. Observo que há um constante ir e vir nas matérias do jornal, de tal modo que, quem foi herói repentinamente pode assumir a posição de vilão e vice-versa. Ao mesmo tempo em que as matérias acenam para as doações, os silêncios, os “entaves” e as não-doações assumem algumas posições nas reportagens e parecem constituir algumas pessoas como não-doadoras.

O que pretendi apontar é que os discursos que o jornal veicula se repetem ao longo dos anos, formando o que aqui chamo de uma rede que se reforça para esse fim conveniente, salvar vidas por meio da doação e transplante de órgãos, da qual seria impossível escapar. As estratégias, as táticas que são utilizadas funcionam neste entrelaçamento, nesta maquinaria que interpelam os sujeitos, deixando uma pequena e

silenciada margem para não doar. O discurso reforça a doação e os transplantes como última chance de alguém viver melhor, no caso dos receptores, e no caso dos doadores, como grande possibilidade de fazer o bem.

OS PROTOCOLOS NECESSÁRIOS¹⁹

ANDRADE, Sandra dos S.. Mídia, Corpo e Educação: a ditadura do corpo perfeito. *In*: MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela de F. R. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 112p. p.107-120.

BENDASSOLI, Pedro F.. Do Lugar do Corpo ao Não-Lugar da Doação de Órgãos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2000, 113(1) Porto Alegre.

BUJES, Maria I. E.. **Infância e Maquinarias**. 2001. 259f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CALLIOLI, Eugenio C.. Transplantes de Morto Vivo. **Arq. méd. hosp. Fac. Ciênc. Méd. Santa Casa de São Paulo**. 1988 Mar; 8(30):22-5.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. 2003 Mai-Ago; 23: 36-61.

COUTO, Evaldo S.. Uma Estética para Corpos Mutantes. *In*: COUTO, Evaldo S., GOELLNER, Silvana V.. **Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 183p. p.41-54.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michael Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro, 1995.

ELIAS, Norbert. A Solidão dos Moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FISCHER, Rosa M. B.. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. **Educação on-line**, 2001. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/o_estatuto_pedagogico.asp?f_id_artigo=173>. Acesso em: 05 jul. 2007.

_____. Educação, Subjetividade e Cultura nos Espaços Midiáticos. **Cadernos Temáticos: multimeios e informática educativa**. Porto Alegre (RS), 2002. Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br/index.php/educadores/content/view/full/1852>>. Acesso em: 05 jul. 2007.

¹⁹ Durante uma RMO o enfermeiro preenche vários protocolos contendo informações do doador cadáver, sobre os órgãos e sobre o andamento do processo, essas informações acompanham os órgãos e são encaminhadas para a Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante.

_____. Mídia, Máquinas de Imagens e Práticas Pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. 2007 Mai-Ago; 12(35):290-99.

FOLHA DE SÃO PAULO. História da Folha. *In: Folha de São Paulo*. São Paulo, 2008. disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/historia.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2008.

FONSECA, Márcio A. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1997.

_____. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2006a.

_____. **História da Sexualidade I**. A vontade de saber. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 6ªed. 2006c.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 23ª ed. 2007a.

_____. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes. 33ª ed. 2007b.

_____. **Nascimento de la Biopolítica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007c.

FROW, John; MORRIS, Meaghan. Estudos Culturais. *In: DENZIN, Normank. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p. p. 315-344.

KRUSE, Maria H. L.. **Os Poderes dos Corpos Frios: das coisas que se ensinam às enfermeiras**. Brasília (DF): ABEn, 2004.

LE BRETON, David. A Síndrome de Frankenstein. *In: SANT'ANNA, Denise. (Org.) Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-67.

LIMA, Homero L. A.. Corpo Cyborg e o Dispositivo das Novas Tecnologias. *In: COUTO, Evaldo S., GOELLNER, Silvana V.. Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 183p. p.25-39.

MARZANO-PARISOLI, Maria M.. **Pensar o Corpo**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MENEZES, Eachel A.. Entre o Biológico e o Social. *In*: SOUZA, Alicia N. de.; PITANHUY, Jaqueline. **Saúde, Corpo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. 260p. p.111-129.

ÓRGÃOS, Associação Brasileira De Transplante De (Org.). **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS**. Disponível em: <<http://www.abto.org.br>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

PEREIRA, Victor; MERREY NETO, José Adriano; RAHAL, Fares. Transplantes: aspectos éticos e médico-legais. **Rev. Col. Bras. Cir.** 1987 Mar-Abr; 14(2):91-5.

PETERS, Michael. **Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRESSE, France. Cientistas Usam Pele para Fabricar Células-Tronco. *In*: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u347124.shtml>>. Acesso em 26 nov. 2007.

SANTOS, Luís H. S. dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil**: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção. 2002. 254f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

STACEY, Jackie. “Heroes”. *In*: **Teratologies**. A Cultural Study of Cancer. London: Routledge, 1997, pp. 1-29.

TUCHERMAN, Ieda. Corpo, Fragmentos e Ligações: a micro-história de alguns órgãos e de certas promessas. *In*: COUTO, Evaldo S., GOELLNER, Silvana V.. **Corpos Mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 183p. p.09-24.

VARGAS, Mara A.; RAMOS, Flávia R. S.. A Morte Cerebral como o Presente para a Vida: explorando práticas culturais contemporâneas. **Rev. Texto & Contexto Enfermagem**. 2006 Jan-Mar; 15(1): 137-45.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e Governamentalidade Neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. *In*: CARRERO, Vera P.; BRANCO, Guilherme C. (org). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p.179-217.

_____. Coisas de Governo...*In*: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (org). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.13-34.

VITA, Wagner L. de S.; BOEMER, Tatiana; BOEMER, Magali R.. A Questão dos Transplantes e suas Interfaces. **Rev. O Mundo da Saúde**. 2002 Jan-Mar; 26(1): 158-66.

APÊNDICE – *Corpus de análise*

A BABEL dos Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2000. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2001200002.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

ABBUD FILHO, Mário. Cidadania e a Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 abr. 1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff290410.htm>>. Acesso em: 4 set. 2008.

ALERTA nos Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 abr. 2006. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2504200603.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

ALVES, Crispim. Brasil Estuda Técnica de Doação Espanhola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff100239.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

ATOR Norton Nascimento Morre em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 dez. 2007. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2212200719.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

BEBÊ de Um Ano e Meio Recebe Fígado de Milena. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 dez. 2006. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2212200635.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

BERNARDES, Betina.; FIGUEIREDO, Lucas. Governo Faz Campanha para Tirar Dúvidas sobre Doação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jan. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff150111.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

BORGES Encontra Atletas Transplantados. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 maio 2002. Equilíbrio. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1605200225.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

CAOS nos Aeroportos Provoca Suspensão de 2 Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2006. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0712200609.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

COLLUCCI, Cláudia. Einstein Vai Treinar Hospitais Públicos Para Ampliar Doação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2007a. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2312200706.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

_____. País Desperdiça 50% dos Órgãos para Transplante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 dez. 2007b. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2312200701.htm>>. Acesso em: 4 set. 2008.

CONSTRUTOR Ficou Seis Anos na Fila por Órgão. **Folha de São Paulo**, São José dos Campos, 19 ago. 2001. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/vale/vl1908200106.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

CONY, Carlos Heitor. Um Exemplo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2008.

Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2610200805.htm>>.

Acesso em: 31 out. 2008.

DOAÇÃO e Esclarecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 dez. 1998. Opinião.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz29129802.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

ESCÓSSIA, Fernanda da.; PETRY, Sabrina. Rio Completa 35 Dias sem Doação de Órgão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 dez. 2001. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0612200116.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

ESPANHA é Considerada Modelo em Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jan. 1999. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff19019921.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

ESTRUTURA Para Captação Não é Abordada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 fev. 1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff050204.htm>>.

Acesso em: 21 ago. 2008.

FALTAM Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2000. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2006200002.htm>>.

Acesso em: 21 ago. 2008.

FAMÍLIA DECIDIRÁ Sobre Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 out. 2000. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2510200027.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

FAMÍLIA de Doador Decidirá Transplante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jan. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff030101.htm>>.

Acesso em: 5 set. 2008.

FLOR, Ana. Transplante de Órgãos Bate Recorde no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 dez. 2004. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1512200423.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

FLORESTA, Cleide. Doação Cresce, mas é Menor que o Esperado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 1999. Cotidiano. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2109199917.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

FORTINO, Leandro. Jovem é o Melhor Candidato a Doador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jan. 1998. Folhateen. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm120110.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

GOMIDE, Raphael.; BELCHIOR, Luisa. Fila de Espera de Transplante Será Refeita Após Denúncia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 ago. 2008. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108200820.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

GOVERNO Cria Incentivos para Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jan. 2001. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2401200122.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

HC Faz 9 Transplantes em 16 h em Campinas. **Folha de São Paulo**, Campinas, 26 abr. 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/campinas/cm26049907.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

HELICÓPTERO Resgata Coração no Trânsito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 out. 2007. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2610200722.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2008.

IGNORÂNCIA e Descrédito Médico Causam Polêmica Sobre Doação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 jan. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff110114.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

IGLESIAS, Simone. DF Aprova Lei que Dá Auxílio-funeral a Doador. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2008. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0503200822.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

LAMBERT, Priscila. “É Uma Espera Angustiante e Desesperadora”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 maio 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff15059803.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

LEITE, Fabiane. Campanha Vai Estimular Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 nov. 2003. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1511200314.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

_____. Casal Faz Peregrinação para Doar Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jul. 2005. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1907200501.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2008.

MAIOR Problema Não é Atacado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 jul. 1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff190745.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

MAIS Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1999. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz20019903.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

MARIA, Estanislau. 9 Entre 10 se Negam a Doar Órgãos no PA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 mar.1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff070323.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

MARTINS, Lucia. 40% Morrem na Fila dos Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jul.1997. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff090724.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

MARTINS, Lucia. Lei de Transplante é 1º Passo para Solução. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff11029819.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

"MEU filho Salvou a Vida de Seis Pessoas". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 maio 2007. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0805200715.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

MINIMARATONA em São Paulo Mostra Qualidade de Vida Pós-transplante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2002. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3009200208.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

MORRE Estudante Baleado na Zona Sul. **Folha de São Paulo**, Ribeirão Preto, 14 jul. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1407200005.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

NAZARETH, Rita. "Autorizei na Hora", Diz Filha . **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jan. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff070125.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

NÚMERO de Transplantes Deverá Atingir Recorde em 2004 no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jul. 2004. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2007200418.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

NÚMERO DE TRANSPLANTES DE RIM Quase Dobra; para Médico, Novela Contribuiu. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jan. 2004. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2801200420.htm>>. Acesso em: 04 set. 2008.

OLIVEIRA, Valéria de. Só Família Vai Poder Autorizar Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2000. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1708200028.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

PASTERNAK, Jacyr. Transplantes e Desplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jan. 1998. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff090106.htm>>. Acesso em: 4 set. 2008.

PICHONELLI, Matheus; REIS, Thiago. Após 2 Anos, Sobe nº de Transplantes no País. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2008. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1203200813.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

RAIA, Silvano. Medicina de Ponta e Doentes Previdenciários. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jul. 1997. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz090709.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

_____. Acertos e Erros dos Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 1998. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz200110.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

REIS, Thiago; PICHONELLI, Matheus. Doação de Órgãos no Brasil Cai pelo Terceiro Ano Consecutivo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 set. 2007. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0309200719.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

RIM Novo Deixa Márcio Crescer. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jan. 1998. Folhateen. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm120112.htm>>. Acesso em: 4 set. 2008.

RUSSO, Noelly. Transplantes Crescem 12,5% em 98. **Folha de São Paulo**, Ribeirão Preto, 19 jan. 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff19019920.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

SATO, Hércio. Doação de Órgãos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1999. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz24019912.htm>>. Acesso em: 4 set. 2008.

SERRA, José. A Força de um Gesto Solidário. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2001. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2006200109.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

SERVIÇO Vai “Caçar” Órgãos para Fazer Transplantes. **Folha de São Paulo**, Ribeirão Preto, 24 nov. 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri24119804.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

SETTE, Hoel Jr. Esperança de Vida na Lista do Transplante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jan. 2003. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0301200310.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

SOUZA, Josias de. Um Pâncreas no Lixo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 jun. 2000. Brasil. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0406200021.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

TATSCH, Constança. Nº de doadores de órgãos cai pelo 2º ano seguido no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 set. 2006. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2709200623.htm>>. Acesso em: 05 set. 2008.

TITÃ é Enterrado ao Som de "Pra Dizer Adeus". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jun. 2001. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1506200107.htm>>. Acesso em: 6 ago. 2008.

TRANSPLANTES à Espanhola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 dez. 2007. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz3012200702.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

TRANSPLANTES de Órgãos Caem 28% em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 ago. 2005. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2308200504.htm>>. Acesso em: 5 set. 2008.

TRANSPLANTE Inédito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 fev. 1999. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz23029903.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

VIDA aos Transplantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1998. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz31079803.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2008.

WESTIN, Ricardo. Família Autoriza Doação de Órgãos de Eloá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 out. 2008a. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2010200801.htm>>. Acesso em: 31 out. 2008.

_____. Quatro Pessoas Recebem Órgãos Transplantados de Eloá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 out. 2008b. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2110200812.htm>>. Acesso em: 31 out. 2008.

ANEXO – Quadro de reportagens analisadas

Data	Título da reportagem no jornal	Caderno do jornal
10-02-97	Brasil estuda técnica de doação espanhola	Cotidiano
05-02-97	Estrutura para captação não é abordada	Cotidiano
07-03-97	9 entre 10 se negam a doar órgãos no PA	Cotidiano
29-04-97	Cidadania e a doação de órgãos	Opinião
09-07-97	40% morrem na fila dos transplantes	Cotidiano
09-07-97	Medicina de ponta e doentes previdenciários	Opinião
19-07-97	Maior problema não é atacado	Cotidiano
03-01-98	Família de doador decidirá transplante	Cotidiano
07-01-98	“Autorizei na hora”, diz filha	Cotidiano
09-01-98	Transplantes e desplantes	Cotidiano
11-01-98	Ignorância e descrédito médico causam polêmica sobre doação	Cotidiano
12-01-98	Rim novo deixa Márcio crescer	Folhateen
12-01-98	Jovem urbano tem perfil de doador	Folhateen
15-01-98	Governo faz campanha para tirar dúvidas sobre doação	Cotidiano
20-01-98	Acertos e erros dos transplantes	Opinião
11-02-98	Lei de transplante é 1º passo para solução	Cotidiano
15-05-98	“É uma espera angustiante e desesperadora”	Cotidiano
31-07-98	VIDA AOS TRANSPLANTES	Opinião
24-11-98	Serviço vai 'caçar' órgãos para fazer transplantes	_____
29-12-98	DOAÇÃO E ESCLARECIMENTO	Opinião
19-01-99	Espanha é considerada modelo em doação de órgãos	Cotidiano
19-01-99	Transplantes crescem 12,5% em 98 (com foto)	_____
20-01-99	MAIS TRANSPLANTES	Opinião
24-01-99	Doação de Órgãos	Opinião
23-02-99	TRANSPLANTE INÉDITO	Opinião
26-04-99	HC faz 9 transplantes em 16 h em Campinas	_____
21-09-99	Doação cresce, mas é menor que o esperado	Cotidiano

20-01-2000	A BABEL DOS TRANSPLANTES	Opinião
04-06-2000	Um pâncreas no lixo	Brasil
20-06-2000	FALTAM ÓRGÃOS	Opinião
14-07-2000	Morre estudante baleado na zona sul	_____
17-08-2000	Só família vai poder autorizar doação de órgãos	Cotidiano
25-10-2000	Família decidirá sobre doação de órgãos	Cotidiano
24-01-2001	Governo cria incentivos para transplantes	Cotidiano
15-06-2001	Titã é enterrado ao som de Pra Dizer Adeus	Cotidiano
20-06-2001	A força de um gesto solidário	Opinião
19-08-2001	Construtor ficou seis anos na fila por órgão	_____
06-12-2001	Rio completa 35 dias sem doação de órgão	Cotidiano
16-05-2002	Borges encontra atletas transplantados	Equilíbrio
30-09-2002	Minimaratona em São Paulo mostra qualidade de vida pós – transplante	Cotidiano
03-01-2003	Esperança de vida na lista do transplante	Opinião
15-11-2003	Campanha vai estimular doação de órgãos	Cotidiano
28-01-2004	Número de transplantes de rim quase dobra; para médico, novela contribuiu	Cotidiano
20-07-2004	Número de transplantes deverá atingir recorde em 2004 no Brasil	Cotidiano
15-12-2004	Transplante de órgãos bate recorde no Brasil	Cotidiano
19-07-2005	Casal faz peregrinação para doar órgãos	Cotidiano
23-08-2005	Transplantes de órgãos caem 28% em SP	Cotidiano
25-04-2006	ALERTA NOS TRANSPLANTES	Opinião
27-09-2006	Nº de doadores de órgãos cai pelo 2º ano seguido no país	Cotidiano
07-12-2006	Caos nos aeroportos provoca suspensão de 2 transplantes	Cotidiano
22-12-2006	Bebê de um ano e meio recebe fígado de Milena	Cotidiano
08-05-2007	Meu filho salvou a vida de seis pessoas	Cotidiano
03-09-2007	Doação de órgãos no Brasil cai pelo terceiro ano consecutivo	Cotidiano
26-10-2007	Helicóptero resgata coração no trânsito	Cotidiano
22-12-2007	Ator Norton Nascimento morre em SP	Ilustrada
23-12-2007	País desperdiça 50% dos órgãos para transplante	Cotidiano

23-12-2007	Einstein vai treinar hospitais públicos para ampliar doação	Cotidiano
30-12-2007	Transplantes à espanhola	Opinião
05-03-2008	DF aprova lei que dá auxílio-funeral a doador	Cotidiano
12-03-2008	Após 2 anos, sobe nº de transplantes no país	Cotidiano
01-08-2008	Fila de espera de transplante será refeita após denúncia	Cotidiano
20-10-2008	Família autoriza doação de órgãos de Eloá	Cotidiano
21-10-2008	Quatro pessoas recebem órgãos transplantados de Eloá	Cotidiano
26-10-2008	Um exemplo	Opinião